O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

ANNO XLIII | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS | SABBADO 2 DE DEZEMBRO DE 1893 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 4:320

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO: — Cautella! — Ainda a dissolução. — Para o abysmo.—Partido progressista.—Commissão Districtal.—Noticias do estrangeiro.—Carta de Lisboa. — Noticiario. — José Marques Loureiro. — Assumpto historico.—Os caminhos de ferros na Africa. — Secção parlamentar.—Noticias diversas. —Folhetim: Magdalena.— Secção agricola.—Secção litteraria.—Bibliotheca Historico-Politica.

AVEIRO

Cautella!

«Dissolve-se a camara, e atira-se mais essa mão cheia de terra para cima da constituição e do regimen parlamentar. As ceremonias funebres da Paixão serão celebradas pelos monarchicos ao mesmo tempo que as festas da Ascensão pelos republicanos.»

(«Correio da Noite», de 30—11—93).

E' infelizmente verdadeiro.

Entre o cumprimento d'um alto dever civico, que era o caminho da paz pelo trabalho util, e a consummação d'um attentado revoltante, que é a via da revolta contra a Constituição pelos perigos da lucta, o governo escolheu esta.

Vão dissolver-se as camaras. Vae ferir-se de morte a Carta agonisante já. Vae rasgar-se o codigo fundamental da monarchia portugueza, em holocausto aos principios dissolventes da politica baixa e degradante.

Está no poder o despotismo em acção. E' a estatua da Liberdade que os ministros da corôa vão velar com os crepes da morte. E' o symbolo da Justiça que elles vão amortalhar nos sombrios escombros da derrocada geral. Levem-nos já agora esses pobres restos das liberdades publicas e das garantias constitucionaes.

Vá ao calvario a cruz que esse partido se impoz levar até alli pelas ruas de sangue e da amargura, e dêem-se as derradeiras gotas do fel amargo ao moribundo paiz. E' mais um golpe para a consummação de tudo isto. E' mais uma enchadada na cova das instituições.

Vamos, srs. ministros, que não foi para outra coisa que subiram ao poder. Vamos, que é essa a sua missão derruidora, é esse o seu dever, são esses os principios de moralidade e de justiça que professam, são essas as normas porque se regem para a confiscação, que pretendem, das prerogativas individuaes e das liberdades publicas.

E depois? O diluvio não voltará decerto. Os grandes capitães teem na historia o galardão dos seus feitos. O governo terá tambem alli o premio da sua ultima façanha.

Ah! mas cautella com a loucura preparada, que podem ser de sangue e luto esses registos da historia. Cautella, não vão accordar o leão que dorme. Cautella em nome da salvação publica, cautella em nome da Constituição, cautella em nome do Rei!

Ainda a dissolução

O procedimento leviano e provocador do governo, com a dissolução das côrtes, encontra em toda a imprensa do paiz, a opposição mais fulminante. Um dos mais auctorisados jornaes da capital, o nosso esclarecido collega do *Commercio de Portugal*, escreve este notavel artigo sobre o caso:

Uma das mais curiosas razões, que os amigos do governo apresentam para justificar a sua insistencia no pedido da disssolução, é que elle avançou muito, para poder agora recuar, sem quebra para o seu decôro e para a sua dignidade.

Fraco argumento este, que se prevalecesse, seria a absolvição das pretensões as mais absurdas e as mais ridiculas. Mas, admittindo ainda que o governo não possa recuar pelo muito que avançou, que tem com isso a acquiescencia da corôa e a assignatura do Rei, no decreto da dissolução?

Pois porque o governo teve uma ideia infeliz, affagou-a no seu espirito, communicou-a ao principio a amigos intimos, e depois deu-lhe toda a publicidade; porque o governo fez affirmações que, se tivessem fundamento, seriam inconvenientissimas indiscrições, senão criminosas inconfidencias; porque o governo blasonou de uma força que não tinha, ou se tinha não podia jactar-se d'ella; porque o governo, por inspiração propria, com responsabilidade unica d'elle, pretende que a Corôa lhe faça uma concessão, que representa um acto de escandaloso favoritismo, e, compromettendo-a por essa forma, vae crear-lhe novos e sérios perigos, ha de por tudo isto, essa Corôa, que elle expõe á discussão apaixonada dos partidos e á critica severa do paiz, sujeitar-se resignada a sanccionar o que elle pretende?!...

Por esta fórma teriamos mudado e alterado todas as praxes e todos os precedentes, e dar-se-hia, pela primeira vez desde que no mundo ha systema representativo, o facto estranho de um Rei se sacrificar para salvar o seu governo, quando até hoje e segundo todas as normas, todos os principios e todas as praticas, é sempre o governo que se sacrifica para salvar o Rei!

E parece que é exactamente aquelle o tristissimo papel que o governo reserva ao chefe do Estado n'esta sua tristissima teima da dissolução.

O governo reconhecerá que a sua idéa é mal recebida, que nenhum facto a explica, que nenhum homem publico de notoria hombridade a applaude, que o sentimento patriotico dos estadistas mais eminentes se revolta contra ella, que o paiz inteiro a rejeita, a reprova e a repelle; mas como elle avançou muito, mas como elle annunciou e mandou annunciar que essa idéa havia de ir por deante, mas como elle já forjou a lista dos novos deputados e deu as suas instrucções aos governadores civis e mais galopinagem eleitoral, sim bem vêem, que depois d'isto os seus brios estão compromettidos, compremettida a sua palavra e elle não póde recuar.

O que o governo pretende é uma loucura, um dislate, um crime, um atttentado, que não póde recuar sem correr o risco de se desprestigiar e de se abater? Então esse governo que ahi está, dando lições de constitucionalismo, de respeito á lei, de amor á liberdade, na reforma de policia; de economia severa, de parcimonia nos gastos publicos, de reducção nas despezas, na opulenta tribuneca da Junta de Credito Publico; pois esse governo, que está ha nove mezes felicitando este bom povo e fazendo as delicias da nação, ha de passar pelo desaire de não pôr em execução, um dislate e um attentado? Pois isso, póde la ser? Seria monstruoso! Seria uma calamidade publica!

E para que ella se não dê, vae-se á Corôa e pede-se-lhe que o salve de difficuldades que elle proprio foi levantar, ainda que ella com a sua condescendencia crie para si uma difficuldade maior, que só Deus sabe se será ou não superavel!!...

E são esses os amigos do Rei! E ministros com esta falsa comprehensão da irresponsabilidade da corôa, é que o governam o paiz n'um momento critico e apurado! E hão de em breve surprehender-se e assustar-se, quando vieram mais abaladas as instituições e mais ameaçada a paz interna, consequencia logica e fatal da sua louca e insensata temeridade!

Essa doutrina damnosa de que é o Rei que deve sacrificar-se pelo governo, quando este se compromette por declarações indiscretas e levianas, e não é o governo que deve cobrir o Rei em todos os casos em que se possa duvidar da sua inteira e inflexivel imparcialidade por acto que denuncie preferencias, que a Constituição não previu nem podia prevenir, é uma theoria nova, novissima, que vae ser registrada nos canhenhos de todos os publicistas e inaugurada com o partido regenerador no poder.

Nova, novissima, em todos os tempos e sanccionada em um reinado, que conta apenas quatro annos de existencia! Ainda ha pouco mais de oito mezes, que um governo, que não era d'aquelle partido, quiz empregar um expediente constitucional para vencer as difficuldades de momento. O sr. Dias Ferreira, que era o chefe d'esse governo, via em um curto adiamento um recurso de resultado efficaz para o salvar de uma dissolução que elle considerava inconveniente para o paiz. Como estava compromettido, tambem foi á Corôa pedir-lhe que o salvasse, e comtudo, ella, na sua alta sabedoria, entendeu que não podia fazer-lhe a concessão sollicitada, e o governo cahiu.

A correcção foi completa de lado a lado. O ministro pediu e o rei negou. O ministro resignou-se e não andou de porta em porta, *de chapeu na mão*, a sollicitar accordos, nem se soccorreu ás lendarias e apregoadas suggestões da camarilha para alcançar o que lhe fôra recusado. Acceitou a responsabilidade do seu acto, sem compromettter a corôa. Por isso ninguem houve que tivesse que expôr reparos, nem ao Rei, nem ao chefe do gabinete demissionario. Mas o tempo corre veloz, e oito mezes já é um prazo longo que faz esquecer muita cousa.

Hoje pensa-se que o Rei póde fazer, sem dar um testemunho compromettedor de predilecção, mais e muito mais ainda pelo governo presidido pelo sr. Hintze Ribeiro, do que o que não quiz fazer pelo governo do sr. Dias Ferreira. Um adiamento parecia então uma cousa monstruosa, a que se não podia acquiescer; uma dissolução, é hoje uma concessão modesta, que se não póde recusar!

São taes desegualdades que resaltam e põem em evidencia essa predilecção, que já chamámos com razão compromettedora, que os ministros do Rei deviam ser os primeiros a impedir e a evitar. São os favores que parecem ao paiz premio á jactancia impertinente e incentivo a emprehendimentos mais ousados, que os verdadeiros e sinceros monarchicos não queriam ver assignalados pela reprovação dos homens liberaes.

Se hoje se dissolve uma camara, não porque assim o exija o bem do Estado, mas porque é preciso salvar a vaidade de ministros ambiciosos, se hoje se aconselha o Rei a que vá em auxilio d'esses ministros, por elles terem avançado tanto que não podem recuar sem desdouro, pelo mesmo motivo ámanhã uma nova ideia ainda mais atrevida, um plano de consequencias ainda mais funestas para a liberdade e para a segurança do Estado exigirá o mesmo sacrificio da Corôa.

E, se prestando-se ella hoje a salvar as imprudencias dos seus ministros, porque em circumstancias identicas o não ha de fazer ámanhã?

E d'este modo quem é que póde dizer quando ha de cançar este afan de desacreditar e de perder instituições, que custaram tanta dedicação leal e tanto sangue generoso?!

Para o abysmo

O *Seculo* dizia hontem que o sr. presidente do conselho, depois da assignatura, conversara com El-Rei ácerca da dissolução e que S. M. lh'a concedera.

Não contestamos. E' tudo para o maior prestigio das instituições, para gloria do governo e da corôa, para a mais firme estabilidade dos nossos principios constitucionaes, de amor pela liberdade e pela honra da patria.

Partido progressista

AOS NOSSOS CORRELIGIONARIOS

São prevenidos todos os centros do partido progressista, para que designem os seus delegados á assembléa geral do partido que se deve reunir em Lisboa, se fôr decretada a dissolução da camara dos deputados.

Os delegados devem ir auctorisados a resolverem sobre todas as questões, que interessem á existencia e attitude do partido, na grave conjunctura que o paiz atravessa.

O dia da reunião será opportunamente designado.

Commissão Districtal

SESSÃO DE 30 DE NOVEMBRO DE 1893

Presidencia do ex.mo vice-presidente, sr. Ladeira de Castro. Presentes os vogaes srs. Pereira Junior e o vice-secretario Ribeiro Junior, faltando por motivo justificado o ex.mo presidente, sr. conselheiro Manuel Firmino, e não compareceu o secretario, sr. dr. Marques Mano.

Deliberou remetter á camara municipal do concelho d'Ilhavo um requerimento apresentado a esta Commissão de Manuel Ferreira da Cunha.

Approvou o orçamento ordinario da camara municipal do concelho de Ilhavo para o anno de 1894.

Approvou o 2.° orçamento supplementar da camara municipal do concelho d'Estarreja para o corrente anno civil.

Approvou a deliberação da camara municipal d'Ovar, de 21 de novembro corrente, que acceitou uma proposta feita á mesma camara por Arnaldo Leal Braga, negociante da praça do Brazil.

Approvou os orçamentos das juntas de parochia de Villa Chã, concelho de Macieira de Cambra; de Lamas do Vouga, concelho d'Agueda; de Villa Nova de Monsarros, concelho d'Anadia, todos para o anno de 1893.

Foi julgada a conta da junta de parochia de S. Lourenço do Bairro, concelho d'Anadia, relativa ao anno de 1892.

NOTICIAS DO ESTRANGEIRO

São ainda deficientes as noticias que nos chegam tanto de Mellila como do Rio de Janeiro.

Martinez Campos tinha chegado ao ponto do seu destino, tendo recebido o enviado do sultão. Da conferencia havida entre os dois personagens nada havia de definitivo senão a retirada dos mouros, e os preparativos para o avanço do exercito hespanhol.

Do Brazil sabe-se apenas que a revolução caminha. Do que ha fallam os seguintes telegrammas:

RIO DE JANEIRO, 30, tarde.—Os fortes do governo do marechal Peixoto, bombardearam hoje os navios insurrectos, tendo incendiado o transporte «Madeira», e causado grandes avarias ao couraçado «Aquidaban».

RIO GRANDE DO SUL, 30, tarde.—Os insurrectos victoriosos, tomaram Bagé, aprisionando o general Isidoro e o estado maior do governador. Morreu muita gente no combate. Desmente-se a noticia da tomada de Curityba.—(Havas).

O primeiro, parece-nos de procedencia suspeita, porque é do governo de Floriano. Noticias posteriores dizem, que o chefe do governo do Rio de Janeiro, fizera já propostas d'accordo ao almirante insurrecto.

Parece fóra de duvida que no Pará triumphou a insurreição, que por este modo se vae alastrando nas terras de Santa Cruz.

CARTA DE LISBOA

1 DE DEZEMBRO DE 1893.

Assumpto principal de todas as discussões é a questão politica—a dissolução por conseguinte. O governo conta com ella, chegando a affirmar-se que a corôa lh'a dará apesar mesmo do voto do conselho d'estado, se este for contrario á proposta do governo. E' muito forte o conceito que estas palavras estabelecem, mas a versão corre e é mister acredital-a. Desde que o Re, se preste a esta veleidade do gabinete tudo o que se disser é acreditavel.

Assumpto de interesse immediato é a substituição, já assentada, dos srs. ministros das obras publicas e marinha, devendo substituil-os os srs. Carlos Lobo d'Avila, e Oliveira Martins. Entende-se que a offerta da pasta das obras publicas ao sr. Carlos Lobo, tem por fim haver o voto favoravel do sr. conde de Valbom no conselho d'estado. Tudo arranjos, que levam a descrença mesmo aos animos mais confiados.

— O partido progressista prepara-se para a lucta, se a dissolução se dér. Os jornaes do partido publicam hoje a prevenção de que devem ter já conhecimento.

— As noticias do estrangeiro continuam a ser pouco favoraveis ao nosso credito. O ultimo n.° do *Economiste Français*, chegado a Lisboa, trata-nos como ainda se não tratou nenhum paiz. Com fundamento no que o governo decretou para os caminhos de ferro, denuncia-nos ao mundo como piratas, como gente sem fé e sem credito. E o governo não ousa sequer combater estas affrontas! Temos um representante em França que deixa passar tudo quasi indifferentemente. O que faz lá não se sabe, visto que a nossa causa, a causa principal—o nosso credito—está alli correndo por tal modo.

—. E' agora positivo que o gabinete apresenta a El-Rei a proposta de dissolução. Os ministros chegaram a accordo n'esse sentido—o sr. Antonio de Azevedo porque não quer criar difficuldades ao governo, e o sr. Fuschini porque conseguiu que os seus associados da Liga sejam fartamente representados na futura camara. Conseguiu isto e mais alguma cousa em que deveras se empenhava. Antes, porém, de s. ex.ª dizer aos seus collegas que concordava, houve reunião da Liga a que presidiu o sr. Pedro Leite e mais 29 associados—30 ao todo, resolvendo o seguinte:

«O concelho director da Liga Liberal, abstendo-se de apreciar a conveniencia e opportunidade da annunciada dissolução do parlamento nas actuaes circumstancias da politica interna, entende que a permanencia do seu illustre consocio sr. Augusto Fuschini na pasta da fazenda, representa uma das condições essenciaes para debellar a crise angustiosa que o paiz ainda atravessa, caso sejam absolutamente respeitados os seguintes preceitos.

1.°, completa neutralisação da pasta de fazenda em todas as questões e luctas eleitoraes; 2.°, execução immediata das medidas financeiras já approvadas pelo parlamento ou dependentes da publicação de documentos officiaes; 3.°, a maxima regularidade e energia na reorganisação dos serviços da fazenda; 4.°, apresentação na futura sessão parlamentar de todas as medidas, tanto de ordem politica como de ordem economica e financeira, já traduzidas em propostas ou annunciadas e definidas em bases geraes no programma governamental.

A Liga Liberal, cumprindo rigorosamente a sua missão politica e mantendo as suas tradições de supremo respeito pelos interesses nacionaes, crê represental-os o salvaguardal-os por esta fórma.

Declara, pois, como corpo collectivo abster-se das luctas eleitoraes para que não se constituiu nem subsiste e isentar-se de qualquer intervenção na politica activa a não ser no campo de propaganda pacifica e extra-parlamentar em que até hoje se tem mentido».

A Liga é, pois, um poder que põe condições ao governo, condições que o governo acceita submisso! Isto chega a causar tedio.

— O sr. ministro da fazenda, continua a embirrar com os empregados que lhe não caíram em graça, e que quer por isso affastar do serviço publico. Serve assim os seus principios de governo. Serve afilhados e augmenta as despezas do Estado. E faz tudo isto para pelo seu lado tornar impossivel o principio da economia publica. Entende que quanto mais depauperar o thesouro publico, mais impossivel torna a vigencia das instituições, pela prova a que se chega da sua improfecuidade na boa gerencia dos negocios. Vae assim bem no serviço das suas crenças politicas—o socialismo puro. Vejamos a verdade do que digo.

Os srs. Manuel Alberto da Guerra Leal, reverificador, Bernardo Fernandes Monteiro e José Ventura, primeiros aspirantes, todos tres pertencentes ao quadro da alfandega do Porto, que foram ha dias alli inspecionados pela junta de saude, sendo julgados aptos para o serviço, receberam agora ordem para se apresentarem em Lisboa, a fim de serem aqui inspeccionados na repartição de contabilidade do ministerio da fazenda, tudo isto para abrir vagas e promover accessos, collocação de afilhados e augmento de despezas, que assim se duplicam. E não se vê isto, e permitte-se que um lunatico esteja assim a defraudar a bolsa publica!

— Continua a aposentação de funccionarios publicos ainda capazes de muito serviço. Como com isso se abre logar para acommodar afilhados, tudo vae bem, embora soffra o thesouro publico. São as reformas pelo ministerio da guerra, e as aposentações pelo ministerio da fazenda que nos estão levando muito dinheiro.

— Continua a crescer o rendimento das nossas alfandegas. A d'aqui, no mez findo, produzio 939.212$159, mais 103.646$689 réis do que em egual mez de 1892; sendo esse augmento, no geral 38.542$161 réis; nos cereaes 72.196$329, no tabaco 3.268$658. No consumo houve deminuição de réis 10.360$459. A alfandega do Porto, rendeu 531.720$403, mais 10.235$580 réis. O rendimento da importação de cereaes foi de 39.281$441 réis.

E nada d'isto chega, porque são enormes os extravios que se commettem. Com um governo economico, as receitas publicas chegariam de sobra para satisfazer todos os encargos com saldo a favor. A um governo como o actual, nada chega, é certo.

— O governo recebeu uma nota do gabinete allemão, sobre a questão dos caminhos de ferro, que o deixou mal ferido. Era de prever.

— O governador civil do Porto, acaba de participar ao governo, que no caso de dissolução, não pode contar com nenhum dos deputados, que a cidade tem de eleger. A ideia da dissolução tem levado a indignação ao espirito de todos os bons patriotas.

Y.

NOTICIARIO

Notas da carteira.— Já regressaram á sua casa do Outeiro o nosso muito presado amigo sr. José Maria d'Abreu Freire e sua ex.ma esposa. Ao desembarcar no apeadeiro d'Avanca, os illustres noivos eram esperados por bastantes pessoas das suas relações e por muito povo da freguezia, que muito estima e considera tão virtuoso e prestante cidadão, membro distincto d'uma das familias mais antigas e mais geralmente respeitadas do concelho d'Estarreja. Que suas ex.as chegassem de perfeita saude é o que muito desejamos.

— Esteve aqui, mas com pouca demora, o muito digno e respeitavel sr. José Maria de Lemos Almeida Valente, um dos juizes mais integerrimos da nosso magistratura judicial. S. ex.a veio aqui, regressando no mesmo dia á sua casa d'Avanca, onde actualmente se acha com sua ex.ma familia.

— Partiu na quarta-feira ultima, no comboyo da noite, para Lisboa, o sr. deputado Carlos do Bucage.

— Realisou-se em Penacova, o casamento do nosso amigo, sr. dr. Luiz Sereno, digno delegado do procurador regio n'aquella comarca, com a ex.ma sr.a D. Maria Palmira Correia Leitão, gentil filha do sr. conselheiro Alipio Leitão. Felicitamos os noivos, que são realmente merecedores de todas as venturas.

— Regressou já a Aveiro, o distincto *sportman*, sr. Mario Duarte.

— Tem passado mal n'estes ultimos dias, a ex.ma sr.a D. Maria Guilhermina Melicio, uma das sr.as mais consideradas da sociedade aveirense. Respeitadores profundos de tão respeitavel sr.a, fazemos votos pelo seu prompto restabelecimento.

Fallecimento. — Depois de muitos dias de soffrimento, acaba de fallecer aqui, ainda na força da vida, o sr. Francisco da Rocha, proprietario e negociante de muito credito, caracter verdadeiramente inoffensivo e bom. Atacado d'uma pneumonia dupla, cedeu aos seus effeitos e é de Deus a sua alma.

E' com este o quarto filho que a sr. Maria Ribeiro da Rocha, virtuosissima viuva d'um dos homens mais honrados e mais séries que para Aveiro teem vindo, vae perdendo. O seu coração, lanceado por successivos e gravissimos desgostos, acaba de soffrer mais um que vem aggravar-lhe as condições da existencia, tão torturada já por successos d'esta ordem.

Acompanhando-a e a seus honrados filhos e neto, sr. Manuel Gonçalves Netto, no desgosto que acabam de soffrer, cumprimos apenas dever de velha e sempre provada amizade.

Barra d'Aveiro.—Acabamos de saber, por participação obzequiosa do illustre governador civil do districto, que foi hoje assignado o contracto em Lisboa para a acquisição da draga destinada á barra de Aveiro. Folgamos com a noticia, que é o cumprimento da promessa do nobre ministro das obras publicas.

O sr. visconde de Balsemão, foi o inicciador da vinda da draga, pelo que, felicitando-nos, felicitamos tambem a ex.a

Asylo Escola Districtal.—O sr. dr. Alvaro de Moura, vereador do plouro dos asylos, tem desenvolvido alli todos os ramos de ensino util por uma forma verdadeiramente louvavel, introduzindo todos os possiveis melhoramentos no alargamento das artes e officios a que os alumnos se dedicam. Faz gosto ver aquillo, e é-nos grato poder dizel-o com o elogio merecido.

No dia 1 de janeiro proximo, devem estar em exposição as casas em que estão installadas as duas secções, fazendo-se na secção *Barbosa de Magalhães*, com a distribuição de premios, que haverá tambem na de *José Estevam*, a distribuição dos 20$000 réis offerecidos áquella pelo sr. Barão do Cadoro, entre os quatro alumnos que mais se distingam nas letras, nas artes e nos officios. A festa é realmente sympathica, pelo que alli concorrerá decerto muita gente.

Bombeiros Voluntarios.—Como previramos, o sr. presidente da camara respondeu ao sr. commandante da benemerita Companhia dos Bombeiros Voluntarios d'Aveiro, que no proximo orçamento seria incluida a verba necessaria para a acquisição da escada *Magirus*.

Não podemos deixar de louvar o procedimento do sr. dr. Jayme Lima, que assim satisfaz a uma verdadeira e urgente necessidade publica.

As victimas da Torreira. — Appareceram finalmente proximo da Vagueira as infelizes victimas do naufragio de segunda-feira, e appareceram estando um distante do outro cerca de 50 metros. Não apresentavam ferimentos notaveis, apenas um tinha na face uma escoriação pouco sensivel e outro um braço deslocado. Os corpos foram logo conduzidos n'uma bateira para a Murtoza, onde a sua presença mais commocionou não só a familia dos infelizes, mas toda aquella vasta população. Ao seu enterro foi toda a classe piscatoria e muitos amigos da familia Tavares, que tem relações bastantes não só no cancelho de Estarreja, mas tambem no d'Ovar.

Consta-nos que a familia está, como não póde deixar de estar, consternadissima, principalmente a boa mãe dos pobres naufragos, que se suppõe em condições de mal poder resistir á dôr que a prostrou.

Foi um grande infortunio, tão grande que encontra lenitivo senão nas crenças religiosas que a fé nos impõe.

Que o SENHOR se amercie dos que n'este momento tanto soffrem.

Estado sanitario. — Não é bom actualmente o estado sanitario de alguns dos concelhos do districto. Em Estarreja e Ovar, as febres typhoides fazem victimas em quantidade, e isso está produzindo mau effeito, pois que em algumas freguezias d'aquellas circumscripções os soccorros medicos contra o mal teem sido ineffi-cazes. A' auctoridade superior do districto cumprs mandar investigar das causas que produzem o mal, para lhe atalhar, sendo possivel.

Melhoras.—Sabemos que o nosso amigo, sr. Lourenço Vicente Ferreira, aquem succedeu o desastre na estação d'esta cidade, está melhor dos seus incommodos, o que estimamos.

Ao commercio.—Nos termos queseguem se dirige hoje um nosso amigo, honrado commerciante d'esta cidade, aos nossos conterraneos:

Antonio Ferreira Felix Junior, negociante d'esta cidade, ha mais de vinte annos, declara, que julga nada dever de saques, que os seus correspondentes lhe tenham feito, e que tenham sido protestados, por falta de acceite ou pagamento.

Mas se alguem se julgar seu crédor de taes saques, queira dirigir-se ao sr. Antonio Augusto Duarte e Silva, d'esta cidade, no praso de oito dias. Se o annunciante não manda dirigir a si proprio, é para que não diga alguem mal intencionado, quem sabe, se ha reclamações. Igual annuncio se fará no jornal mais lido da cidade do Porto.

Julgamento.—Concluiu-se ante-hontem o julgamento do dr. Urbino de Freitas. Durante a discussão deram-se episodios diguos de mensão especial, pois ouviu-se alli a uma testemunha que elle já havia envenenado o cambista Roriz, o antigo presidente da camara do Porto e lente da cadeira que mais tarde o dr. Urbino foi occupar e outros. Depois o digno delegado requer que a sr.a D. Maria Carolina Sampaio, avó de Mario e sogra do accusado, faça declarações ao jury sobre o crime que deu morte a seu neto. O advogado de defeza oppoz-se e o juiz deferiu que fizesse declarações sem juramento. Esta senhora narrou circumstanciadamente todos os factos já conhecidos dizendo que Mario, era docil e de boas qualidades; que era elle quem levava todos os mezes ao réu a mezada de dez libras que ella lhe dava, bem como lhe pagava o aluguer da casa, e que fôra tambem Mario, o portador da quantia d'um conto de reis para o réu ir ao estrangeiro, onde fôra arranjar veneno para matar a familia. Por ultimo, levantou-se da cadeira muito indignada, exclamando: «O envenenador da familia Sampaio, está alli—apontando o réu», e n'esta occasião os espectadores deram morras a Urbino, tendo o juiz que intervir impondo silencio. As declarações da viuva Sampaio, causaram forte impressão no publico, como era natural.

O julgamento terminou em sessão nocturna na noute de ante hontem. Os debates tanto por parte da accusação como da defeza foram largos, pois que o sr. delegado Pestana fallou quatro horas e meia. Seguiu-se o relatorio do juiz, que foi detido e conscienciosoprincipiando á meia noite e 15 minutos, historiando largamente todas as minudencias do processo, que é enorme. Seguidamente apresentou ao jury os seguintes quesitos:

1.° — O crime de envenenamento propinado no menor Mario Guilherme Augusto Sampaio, n'esta cidade, de que este veio a fallecer, na tarde de 2 de abril de 1890, e por que o reu Vicente Urbino de Freitas é accusado, como auctor, no libello de fls., está ou não provado?

2.°—A circumstancia aggravante de ter o reu commettido este crime com premeditação, isto é, tendo formado designio de attentar contra o referido Mario, mais de vinte e quatro horas antes da acção, está ou não provada?

3.°—A circumstancia aggravante de ter o reu manifesta superioridade sobre o Mario, em razão de edade, está ou não provada?

4.°—A circumstancia aggravante de ser o reu parente affim de Mario em terceiro grau, por direito civil, está ou não provada?

5.°—A circumstancia aggravante de ter sido o crime commettido com insistencia em o consumar, depois de mallogrados os primeiros esforços está ou não provada?

6.° — A circumstancia attenuante do bom comportamento anterior do reu está ou não provada?

O jury recolheu á sala de conferencias eram 2 horas da madrugada. Depois de hora e meia de discussão, regressou á sala com as seguintes

RESPOSTAS DO JURY

Ao 1.°—Está provado, por maioria.
Ao 2.°—Está provado, por maioria.
Ao 3.°—Está provado, por unanimidade.
Ao 4.°—Está provado, por unanimidade.
Ao 5.°—Está provado, por maioria.
Ao 6.°—Está provado, por maioria.

Quando o presidente do jury leu ao tribunal as respostas aos quesitos propostos pelo juiz, a esposa do dr. Urbino abraçou-o effusivamente e beijou-o, prorompendo em largo chôro, cahindo em deliquio sendo amparada. Pouco depois sahia acompanhada pelo seu advogado.

A SENTENÇA

Eram 3 horas e 45 minutos quando o sr. juiz mandou levantar o reu para lhe lêr a sentença que o condemna a 8 annos de prisão celular, seguidos de 20 de degredo, sem prisão no logar do degredo, attendendo ao tempo de prisão preventiva já soffrida e na alternativa a 28 annos de degredo em possessão de 1.a classe, sendo 8 com prisão no logar do degredo, e nas custas e sellos do processo.

PERORAÇÃO DO JUIZ

O sr. juiz, depois de lida a sentença fez notar ao reu que se dispensava de lhe fazer a peroração final que é de uso, visto que se tratava de um homem intelligente que saberia comprehender a situação em que ficava, lembrando-lhe, como recurso extremo, além dos ordinarios, o appello á applicação do decreto que regula a suspenção de pena em dadas circumstancias.

Seguidamente o reu deu entrada na cadeia, eram 4 horas da manhã.

Depois... a morte moral do reu. E que o facto sirva de correcção e de exemplo a todos os que ambicionam as grandes fortunas havidas por meio de crimes de qualquer ordem.

Dr. Ayer.—O habil pharmaceutico d'esta cidade, sr. Francisco E. da Luz e Costa, teve a amabilidade de offerecer-nos alguns exemplares da apreciada folhinha do dr. Ayer, que vem para o anno futuro de 1894 cheia de interesse, não só pelos variados conhecimentos uteis que traz, mas ainda pela descripção de varias doenças, que recommenda soccorrer de prompto com o emprego das suas composições chimicas. Agradecemos a offerta.

Exercicio.—O sr. Custodio d'Almeida, juiz de direito da comarca d'Agueda, retomou posse do seu logar, cremos que agora definitivamente. O illustre magistrado fôra governador civil do districto da Guarda, no tempo da governação, Dias Ferreira.

Obito.—Falleceu n'esta cidade o sr. João Simões da Cruz Maio, lavrador, e irmão do padre Maio, reitor de Fermelã, assassinado ha tempo.

Fallecimeeto.—Falleceu no Porto o sr. Francisco José Rezende, que era um pintor eximio, um professor distincto, uma das glorias da arte portugueza n'aquelle genero.

Temporal.—Estamos hoje sob o imperio de um temporal desfeito. E o que succede por aqui succede por toda a parte. E' isso o que nos dizem as noticias recebidas.

Trabalho de pesca.—Em todos os dias da semana, com excepção de um apenas, tem havido trabalho no mar. Só n'um dia, porém, houve pesca importante, havendo nas differentes costas, onde ainda ha trabalho, lanços de 500$000, de 600$000, de 1:000$000, e até houve um de réis 1:218$000, que produziria 4:000$000 réis se a sardinha se podesse salvar toda, mas como o peso era muito, um dos paineis do sacco partiu-se e a maxima parte do pescado perdeu-se. Foi bom para os aventureiros que andam pelas costas á espera *d'arrebentadellas*, pois que alguns houve que fizeram n'esse dia, e n'esse *arranjo*, mais de 13$500 réis. E rancho houve que fez mais de 120$000 réis. A pesca d'esse dia tem tido no mercado o preço de 3$000 réis, com tendencia para subir, visto que não tornou a haver sardinha depois d'isso.

Ainda o processo do dr. Urbino de Freitas.—E' opinião de alguns homens de lei, que o julgamento d'este réu terá de ser repetido, porque está insanavelmente nullo. O juiz, averbado de suspeito, não podia resolver por si essa allegação; e o jury que interveio no pleito não podia ser o da comarca de Paredes, mas o de Paços de Ferreira ou Feira, ou ainda o de Santo Thyrso. E' o que dizem os mappas e guia das obras publicas que não podem ser postos de lado em assumpto tão momentoso.

JOSÉ MARQUES LOUREIRO

Portugal, que é inquestionavelmente o *Jardim da Europa*, como disse o mavioso Thomaz Ribeiro, é um retardatario em floricultura. Entre nós é geralmente desconhecido o que se passa no extrangeiro a tal respeito. Na Belgica, por exemplo, ha a paixão e o *sport* das flôres.

Na primavera, os amadores percorrem ali distancias enormes para irem admirar os formosos grupos de tulipas, e todos os annos são lançadas nos mercados novas variedades das mais mimosas flôres obtidas pela fecundação artificial, ou novas especies desconhecidas trazidas de outros continentes por emeritos exploradores. Nós limitamo-nos ao passeio annual da espiga, em quinta feira da Ascenção, reproduzindo inconscientemente o culto pagão e poetico de Adonis, e os mais arrojados fazem estacas de roseira em janeiro e alporques de craveiro em setembro, como aconselha a folhinha do padre Vicente; e os chrysanthemos e violetas que trazemos ao peito vamos compral-os á Haveneza ou á praça da Figueira. No norte do paiz nota-se, porém, uma primazia na floricultura. Como no extrangeiro, todes os annos ha ali concursos de flôres; e esta corrente, que vem de longa data, deve-se principalmente á infatigavel iniciativa do distincto amador, o sr. José Marques Loureiro, que soube crear no Porto um estabelecimento de floricultura sem rival na peninsula, e que, com uma tenacidade rara entre nós, fundou um jornal horticola primorosamente impresso e desenhado, e collaborado pelos primeiros botanicos do paiz. Este jornal foi premiado na exposição de Gand, Bruxellas, Barcelona, Amsterdam, etc. O insigne horticultor continua sempre luctando, como propagandista infatigavel. Além do seu bello livro — *A Horta*, já publicado, acha-se actualmente no prélo, tendo já sahido os primeiros volumes, um novo livro — *O Jardim*, que veio preencher uma lacuna importante. Esta obra foi gisada segundo o plano dos professores francezes *Decaisne* e *Naudin* no *Manuel de l'amateur des jardins* e de *Les fleur de pleine terre*, tendo sobre estes a vantagem de conter as observações pessoaes do sr. Loureiro quanto aos processos da cultura adaptada ao nosso clima.

Como os horticultores estrangeiros, o sr. Loureiro não se limita ao commercio das plantas novas, verdadeiras maravilhas, que são *baptisadas* com os nomes de distinctos portuguezes. Assim dedicou elle á imprensa portugueza um novo cravo branco e purpura, e a um novo cravo roxo deu o nome de *Lucto* de Fontes Pereira de Mello. O sr. Julio de Vilhena tem com o seu nome um cravo côr de rosa com estrias purpureas; e para que se não pense que n'esta nomenclatura ha disfarçadamente um intuito politico, saiba-se que o sr. conselheiro José Luciano de Castro tambem tem o seu cravinho branco e purpurino. *E. L.*

ASSUMPTO HISTORICO

O Porto e o mestre de Aviz

Quando o mestre de Aviz, D. João, depois I de nome, foi aceito por defensor do reino por varias villas e cidades de Portugal, entre ellas o Porto, fez elle saber aos moradores d'esta cidade, por Ruy Pereira, tio de Nunalvares Pereira, do cerco que o rei de Castella pozera a Lisboa, pedindo-lhes, por isso, que o ajudassem com as gallés e navios que lhes fosse possivel, não dando ouvidos ás cartas da rainha D. Leonor, nem ás d'aquelles que os pretendiam fazer castelhanos.

Os cidadãos portuenses responderam então ao enviado do futuro monarcha:

« Dizei ao mestre que, ainda que elle não fôra filho conhecido de el-rei D. Pedro, bastava o nome que tomou de defensor do reino, para só por isso nos darmos por obrigados a servil-o com fazendas e pessoas».

Já antes d'isso tinham os portuenses dado provas do quanto desejavam servil-o, aceitando a sua bandeira e levando-a por toda a cidade, com grande festa, um homem nobre da cidade, por nome Affonseanes Pateiro, montado em um formoso cavallo, ricamente ajaezado. A bandeira foi pendurada na torre da Sé, repicando os sinos, que havia muito não se faziam ouvir, por causa do interdicto motivado pelas eternas *questões suscitadas entre* os moradores da cidade e os bispos d'ella. Em demonstração de regosijo, o povo trouxe os ossos dos seus defunctos, os quaes pela referida causa não estavam enterrados em sagrado, sendo-lhes dada sepultura ecclesiastica dentro da Sé, havendo outras provas de alegria.

O bispo do Porto, D. João III, que era pelo mestre de Aviz, fez por essa occasião reunir nos seus paços, varios cidadãos principaes, nomeados pela cidade, para em sua presença tratarem dos assumptos relativos á defeza do reino, tendo o mesmo prelado concorrido depois tambem com grossas sommas para se aviar a armada de navios e gallés que d'esta cidade partiu, para ir ao cerco de Lisboa.

Achou-se o mesmo prelado nas côrtes que o mestre de Aviz fez reunir em Coimbra, em 6 de abril do anno de Christo em 1385, em que foi acclamado rei, sendo n'essas côrtes que o referido monarcha deu á cidade do Porto, maior termo do que d'antes tinha, pelos serviços que lhe havia prestado, eetendendo-se aos julgados de Bouças, Maya, Gaya, Penafiel Sousa e *Villanova* junto a *Gaya*.

Quando el-rei D. João I veio pela primeira vez ao Porto, procedente de Coimbra, foram grandes as festas que se lhe fizeram. D'ellas dá conta uma chronica, nos termos pittorescos que vamos transcrever, alterando apenas a orthographia da epoca:

«Não com menos sentido de o receber honradamente, se fez prestes com sua clerezia, o honrado D. João, bispo da cidade, honesta e honradamente e ricamente em Pontifical vestido, e isso mesmo todos os outros festivalmente com os melhores corregimentos que tinham. E sendo todos, aguardando cada um em seu logar, appareceu a gente de el-rei, da parte de além de Gaya, por onde elle havia de vir, e os bateis que andavam saltando pelo rio, foram logo alli muito prestes, com grandes apupos e tanger de trombetas mostrando grande ledice, entre os quaes era um grande e formoso batel, ricamente corrigido e toldado, em que el-rei havia de passar, e em que el-rei entrou com os seus fidalgos, e outras gentes, quantos entrar poderam n'aquelle e nos outros bateis.

Começaram todos a vogar ao lume do rio, o de el-rei adiante muito apendoado e os outros todos detraz, que era grande prazer de vêr. E á porta de Miragaya, onde o estavam tendendo como dissemos, saiu el-rei em terra, por uma larga e espaçosa prancha, onde foi o beijar da mão, e mantenha-vos Deus, Senhor, entanto que não podia haver vez de cumprir sua vontade, e depois de um bom espaço que n'isto se detiveram, fallou um cidadão, a que d'isto era dado cargo e disse: Senhor, tomae esta sina em vossas mãos e por ella nos pomos em vosso poder e vos fazemos preito de vos servir com os corpos e haveres, até dispende, a vida por honra do reino e vosso serviço.

El-rei, emquanto elle isto disse, teve as mãos na estadela, dizendo que assim era elle prestes para dispender a vida e o corpo por honra do reino e defensão d'elles. E que os havia por bons e leaes e lhes faria mercês quando por elles requeridas lhe fossem.

Então começaram de reger suas danças e jogos, nos quaes muito a miudo em alta voz bradavam, dizendo viva el-rei D. João, viva. El-rei ia muito a passo pela cidade, que não podia de outra guiza, porque a gente era tanta por todas as ruas, pelo ver, que pareciam que se queriam atogar, e as donas que estavam ás janellas, fallavam altamente, que o mantivesse Deus muitos altos e bons e que muita fosse sua vida e boa, e outras taes razões, e em dizendo isto deitavam de cima muitas rosas e flôres, e milho, e trigo e outras coisas. A qual festa e recebimento d'esta guiza feito, demovia muitas d'ellas a reger suas formosas caras, com doces e aprasiveis lagrimas, e assim foi levado com este prazer e ledice aos paços onde havia de pousar e as gentes se tornaram, festejando cada um, para suas casas».

OS CAMINHOS DE FERROS NA AFRICA

Com justificada razão se fundam as mais solidas esperanças na acção ecomica e civilisadora dos caminhos de ferro construidos na Africa portugueza. Os factos verificados com o caminho de ferro de Ambaca, com o caminho de ferro de Lourenço Marques e até mesmo com o caminho de ferro da Beira, demonstram bem os beneficos effeitos da viação accelerada atravez de territorios capazes de uma exploração opulentissima; e fazem ambicionar a construcção de outras linhas ferreas, como, por exemplo, da linha meridional da nossa provincia de Angola, a favor da qual este jornal já em tempo se manifestou. Ainda ha poucos dias os jornaes estrangeiros nos trouxeram informações sobre o trafego, sempre crescente, dos caminhos de ferro de Lourenço Marques, á fronteira do Transvaal e da Beira pela margem do Pungé até Fontesvilla, e hoje temos deante de nós elementos bastantes para se poder apreciar a elevada influencia economica do caminho de ferro de Ambaca, já construido na extensão de mais de 240 kilometros. Esses elementos estão reunidos no valioso e lucido relatorio ha dias apresentado pelo conselho de administração da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Através da Africa. Todas as previsões feitas a proposito d'este grandioso melhoramento vão encontrando brilhante confirmação. Em 1890, o director da alfandega de Loanda, escreve o seguinte, no seu relatorio:

« Annunciou-se a construcção do caminho de ferro de Loanda a Ambaca, começaram os estudos, lançou-se a primeira pedra para a construcção da estação principal e a alfandega de Loanda accusou logo no primeiro anno um augmento de rendimento superior a cem contos de réis, augmento que tem progredido, como que acompanhando a exploração d'esse caminho de ferro. Todos os annos me tenho referido a este importante melhoramento, porque a elle attribuo principalmente o augmento da receita cobrada na alfandega de Loanda.

O augmento das receitas vae, effectivamente, n'uma progressão deveras animadora, pois quasi tem quadruplicado desde o anno em que se iniciou a construcção. Esse rendimento tem sido o seguinte:

Em	1886.....	217:744$056
»	1887.....	349:173$252
»	1888.....	358:026$622
»	1889.....	473:472$104
»	1890.....	537:642$592
»	1891.....	544:879$692
»	1892.....	554:709$434
»	1893 (janeiro a junho)..	413:072$235

Para se fazer ideia da importancia relativa d'este rendimento, bastará confrontal-o com o das outras alfandegas da provincia de Angola. Esse rendimento foi o seguinte, no primeiro semestre do anno corrente:

Loanda.....	413	contos
Benguella.....	244	»
Mossamedes.....	19	»
Ambriz.....	26	»
	702	»

A' alfandega de Loanda, pertence hoje, portanto, quasi metade do rendimento aduaneiro da provincia de Angola e esse rendimento tem acompanhado no seu desenvolvimento a abertura de novas secções da importante linha ferrea, que tem por testa a capital da provincia.

Se se examinar a natureza do movimento commercial que foi origem de tão auspiciosa receita, chegar-se-ha á conclusão de que o caminho de ferro não tem servido apenas á exhaustão dos productos indigenas africanos, tem sido um poderoso instrumento de permutações e, assim, promette á industria nacional poderosos elementos para o seu engrandecimento.

Effectivamente, o movimento de importação e exportação pela alfandega de Loanda, nos annos acima citados, foi o seguinte:

	Importação	Exportação
1886	958:266$174	716:354$850
1887	1.329:300$980	1.114:989$743
1888	1.371:078$511	935:975$751
1889	1.982:688$890	1.543:885$328
1890	2.009:130$157	1.604:471$990
1891	2.473:878$659	1.861:474$310
1892	2.022:403$825	2.022:033$606
1893 (janeiro a junho)..	1.389:466$121	1.548:634$027

Resumindo, termos:

Importação.....	13:536	contos
Exportação.....	11:347	»
Diff. a fav. da imp.	2:189	»

Esta differença, per si só justifica todas as tentativas do commercio e da industria da metropole para introduzir em Angola os seus productos. Representa tambem a mais completa justificação da ideia, que se trata de pôr em pratica, de uma exposição de productos da industria portugueza nas nossas possessões africanas.

Examinada a questão por outra face, vê-se que as estatisticas da linha de Ambaca, veem confirmar os algarismos que as estatisticas aduaneiras produzem. De 1892 para 1893, o augmento da circulação de passageiros foi de 20 p. c. e nas mercadorias esse augmento foi de 43 p. c., como se revela bem nos seguintes algarismos da receita bruta kilometrica nos tres ultimos annos:

Em 1890-1891	254$270 réis
Em 1891-1892	332$836 réis
Em 1892-1893	432$409 réis

Não é, porém, só a influencia commercial do caminho de ferro que cumpre apreciar: elle tem produzido outros beneficios de ordem economica e, sobretudo, de ordem moral. O relatorio da companhia dos Caminhos de Ferro Através da Africa, assim o demonstra, nas seguintes palavras eloquentissimas:

« A principal vantagem, porém, da acção da companhia, implantando entre os indigenas a moralisadora necessidade do trabalho, unica fórma de pagamento ao alcance d'elles da satisfação das necessidades creadas, é que o exercito de jornaleiros que hoje se emprega na construcção da linha, será, quando construida esta, o exercito de agricultores da nossa inculta Africa. Será esse exercito, que disseccará os pantanos, que canalisará as aguas para onde hoje reina a estiagem perpetua, será elle que trará á luz do dia as riquezas mineraes hoje ignoradas, que mande á Europa as formosas madeiras d'aquella região, será, finalmente, esse exercito organisado por vós que saneará e tornará Angola, habitavel sem risco para os filhos da Europa. Não são estes, por certo, os menores serviçss prestados pelo caminho de ferro ao engrandecimento de tão preciosos dominios portuguezes.

Na situação angustiosa da crise em que o paiz se debate, desde 1890 e perante as difficuldades que advieram a Portugal, da situação embaraçosa do Brazil, é incontestavel que o fomento do commercio africano, sob a acção de caminho de ferro, nos traz alentos para a nossa restauração economica e concorre poderosamente para nos arrancar do vértice em que estivemos ameaçados de sossobrar.

O sr. ministro da fazenda, ainda ha poucos dias, no intuito de manter o nosso credito, affirmou n'um telegramma expedido para o estrangeiro «que o commercio colonial augmenta em singular proporção e que, portanto, a nossa balança commercial tende para um equilibrio proximo».

O sr. conselheiro Oliveira Martins escrevia tambem, ha pouco tempo, estas palavras, n'um jornal estrangeiro: «O desenvolvimento economico da Africa Occidental concorre para melhorar a situação, contribuindo, como repetidamente temos indicado, para attenuar os effeitos da crise continental».

Pela nossa parte, mais de uma vez temos accentuado n'este jornal que a falta de papel cambial do Brazil tem sido supprida, até certo ponto, nos nossos mercados, por papel vindo da Africa. Por todos os lados se affirma, pois, a elevada influencia dos caminhos de ferro, como instrumentos do engrandecimento e aproveitando das riquezas da nossa Africa. Constituem, além de tudo, um tão poderoso elemento de affirmação do nosso dominio, que não duvidamos adoptar as seguintes palavras de administração do caminho de ferro de Ambaca:

«Não vem longe o tempo em que o paiz em pezo reclame o prolongamento da nossa linha até ao Cuango, passando por Malange e Cassange, meio mais pratico de assegurar o nosso dominio n'aquelles territorios e unica forma de impedir que o Estado Livre de Congo nos intercepte o movimento commercial».

Se é certo que as difficuldades com que o paiz tem luctado impõem aos governos o dever de olharem com a mais seria attenção para o futuro dos nossos dominios de Africa, não é menos certo que o desenvolvimento da viação accelerada ha de construir um dos mais poderosos elementos para o engrandecimento de tão vastos e ricos territorios. Os factos que hoje apontamos são sufficientemente eloquentes.

SECÇÃO PARLAMENTAR

Camara dos pares

Sessão de 29 de novembro de 1893

Constituida em alto tribunal de justiça, reuniu hoje a camara dos dignos pares para julgar da procedencia das accusações que pesavam sobre os cincos dignos pares, srs. conde da Folgosa, conde de Thomar, visconde de Bouças, marquez de Alvito e João de Mendonça Cortez.

A sessão abriu ao meio dia e meia hora, estando presentes 38 dignos pares, tres dos quaes apenas, os srs. conde de Bomfim, conde d'Azarujinha e Antonio José Teixeira, vinham de farda. Os restantes envergavam a burgueza sobrecasaca, e alguns mesmo o modesto frak e a rabona despretenciosa. Pouca magestade no acto, como se vê. O partido progressista estava numerosamente representado.

Presidiu o sr. conselheiro Barjona de Freitas, servindo de escrivão d'este alto tribunal o sr. conselheiro Sequeira, director da secretaria da camara.

Depois de lido o decreto real que mandava convocar a camara para hoje, o sr. presidente consultou-a sobre se ella se julgava com direito a tomar conhecimento da procedencia ou improcedencia dos processos que lhe eram apresentados.

Todos os dignos pares responderam affirmativamente, á excepção do sr. marquez de Vallada, que na parte que dizia respeito ao sr. Mendonça Cortez se declarou suspeito, fundamentando a sua opinião no facto de já ter accusado na camara aquelle par, e não querer agora ser juiz e accusador ao mesmo tempo.

Depois d'esta declaração, o sr. Barjona de Freitas deu começo aos trabalhos, convidando a tomar logar ao lado da presidencia o relator do *primeiro processo*. Fôra encarregado d'esse trabalho o sr. Firmino João Lopes.

O accusado era o sr. conde da Folgosa, a quem as justiças d'Armamar tinham processado por ter morto um cão dentro d'uma propriedade murada. Este digno par possue uma propriedade n'aquelle sitio, muito devastada pelas raposas, e pretendendo livrar-se de tão damninhos animaes, envenenou uma porção de carne, e collocou-a no logar por onde as raposas lhe iam ás gallinhas. Um cão que passou por alli comeu a carne e... morreu. O dono do tótó, inimigo politico do sr. conde, queixou-se ao delegado do ministerio publico, e como o caso está previsto na lei, aquelle magistrado procedeu.

Segundo processo.—Foi relator o sr. Tavares Pontes, e n'elle era accusado o sr. marquez de Thomar de ter diffamado e injuriado, nos jornaes e n'um parecer do conselho fiscal da Companhia do Gaz de Lisboa, em 1889 o sr. Clemente Augusto d'Assumpção.

Terceiro processo.—Relatado pelo sr. Mexia Salema e referente ao digno par visconde de Bouças, pronunciado em Mirandella por offensas corporaes, n'um individuo filho do escrivão de direito de Mirandella, facto succedido na tarde de 15 d'agosto do anno passado. Em dois exames que se fizeram ao aggredido, os peritos não encontraram vestigios de ferimentos ou contusões.

Quarto processo.—Referente ao sr. marquez d'Alvito, autoado por falta de cumprimento da lei, por ter faltado a uma sessão do tribunal de Cuba, onde devia comparecer como jurado. Foi relator o sr. Bivar.

Quinto processo.—Era este o mais importante, ou antes o unico processo importante sobre que a camara se havia de pronunciar.

Por isso levou bastante tempo a expor pelo sr. visconde de Castro e Solla, relator, que descreveu os differentes phases por que esta causa tem passado.

São já conhecidos dos leitores os motivos que levaram a justiça a pronunciar toda a direcção do Banco Lusitano, de que fazia parte o par do reino João Mendonça Cortez.

Os restantes directores foram já despronunciados pelo Supremo Tribunal de Justiça e restava agora resolver contra o sr. Mendonça Cortez.

Era uma hora e meia da tarde quando o sr. visconde de Castro e Solla acabou a leitura do seu relatorio, encerrando-se então a sessão.

Os dignos pares retiraram-se para a sala das conferencias, onde estiveram em reunião secreta até ás quatro horas da tarde.

A essa hora voltaram os dignos proceres á sala das sessões, lendo então o sr. Barjona de Freitas o accordão em que eram julgados improcedentes os quatro primeiros processos, e procedente o ultimo devendo portanto o sr. Mendonça Cortez comparecer perante a camara constituida em alto tribunal de justiça no dia que superiormente fôr designado, para então ser julgado.

Em seguida levantou-se a sessão.

O sr. Mendonça Cortez esperava n'um trem estacionado no largo das Côrtes, o resultado da reunião.

O accordão que lhe diz respeito foi tomado por tres votos de maioria.

NOTICIAS DIVERSAS

Uma grande illegalidade na Boa Hora em Lisboa.—Deu-se na terça-feira, n'um dos cartorios do 3.º districto criminal, um caso devéras grave e para o qual chamamos a attenção do sr. ministro da justiça, para que de vez se ponha cabo aos muitos e repetidos abusos que só servem para desvirtuar a justiça e comprometter empregados honestos, cujo bom nome tambem fica á mercê do descredito para que não concorrem e que taes scenas provocam. Uma pobre mulher, que sob o nome de Delphina da Conceição respondeu na terça-feira, e foi condemnada em tres dias de multa—de multa, note-se bem—e nas custas e sellos do processo, foi mettida primeiro no calaboiço do 3.º districto e depois enviada para a cadeia do Aljube, onde ainda se conserva, isto apesar do respectivo juiz ter mandado passar guia para pagamento da multa e soltar a pobre mulher, ordem esta que até se dispensava, porque é lei, e todos sabem que ninguem pode ser preso para pagamento de custas, nem para pagamento de multas senão depois de correr execução. Isto, que representa a mais violenta illegalidade, constitue tambem uma revolta da parte do escrivão contra as ordens legaes, que recebera do seu juiz.

O sr. ministro da justiça que mande indagar quem assim procedeu.

Fallencia no Porto.—Pelo Tribunal do Commercio d'aquella cidade, e a requerimento do sr. Antonio Monteiro dos Santos, foi, na sessão de 27 do mez findo, declarada em estado de quebra a Companhia Fabril Douro, com séde n'aquella cidade e com fabrica de vellas de stearina na quinta do Freixo. Para administrador d'esta fallencia foi nomeado o sr. José Monteiro Guimarães, e para curadores fiscaes os srs. Antonio de Bessa Leite e Manuel Monteiro de Souza. Para as reclamações dos creditos foi marcado o praso de 60 dias.

Manietado de pés e mãos.—Na noute de sabbado para domingo ultimo, dous meliantes, assaltaram o moinho de um tal José Bento, ao pé do S. Martinho do Porto, e intimaram-n'o a entregar-lhes todo o dinheiro que tivesse, e como o pobre moleiro lhes declarasse que possuia apenas uns miseros seis tostões debaixo do enxergão da cama, manietaram n'o de pés e mãos, roubando-lhe differentes objectos e o fato melhor. No dia seguinte, passadas 17 horas, é que a filha do pobre moleiro, estranhando não o ver á missa, foi procural-o no moinho, onde o encontrou ainda manietado e em lastimavel estado.

Naufragio.—Ao norte de Sines, naufragou na terça-feira pelas 3 horas da tarde, o hiate portuguez *Liberdade*, pertencente á praça de Setubal, e que se dirigia para o Tejo com carregamento de cortiça, consignado á casa Bensaude. A tripulação foi salva por um outro cahique, e está em Cezimbra. O naufragio deu se a 10 milhas de Sines.

A procissão das forneiras.—Todos os annos no dia 14 d'agosto se fazia em Vizeu a procissão chamada das *forneiras*, para commemorar a grande façanha da celebre padeira Brites d'Almeida, que com a pá do forno matára sete castelhanos! Era uma recordação gloriosa. A' procissão que se fazia com toda a pompa, assistia o senado, cabido e cleresia, a quem precedia um certo numero de meninas vestidas decentemente, levando cada uma na mão a insignia de uma pá enfeitada. A ultima procissão que se exhibiu foi em agosto de 1833 ha sessenta annos.

Noticias d'Evora.—São do *Diario do Alemtejo* as seguintes:

Falta de trabalho.—A paralisação dos trabalhos das obras publicas, em todo o districto de Evora, augmenta muito a crise do trabalho, e por isso muitos operarios estão ahi sem ter nada que fazer. O governo não tem dinheiro, diz-se, e por falta d'elle, diz-se que tambem não pode mandar proseguir nos trabalhos publicos. Mas reconhecem todos que não ha tal falta de dinheiro, porque os engenheiros e conductores e os apontadores, isto é, todo o pessoal technico e administrativo dirigente, ahi está ganhando grossos ordenados, sem nada fazer, sendo apenas *licenciado* o pobre trabalhador! A crise aperta por toda a parte; mas quando o districto de Beja chora, quando faz lamurias a provincia do Algarve, quando brama Lisboa, o governo desfaz-se em contumelias e faz logo apparecer dinheiro, que para o districto d'Evora, só manda para pagar ao *grande estado maior* das obras publicas, que por ahi anda a esperguiçar-se! E lembrar-se a gente que, apesar do governo não ter dinheiro para mandar reparar as estradas, quasi inutilisadas e proseguir na construcção de outras, o tem para dar grossos ordenados aos amigos da janta de orçdito publico, que até aqui faziam o serviço de graça! Só 2:400$000 réis, isto é 6$000 réis diarios ganha o presidente d'essa junta, que, ha seis mezes fazia o serviço de graça! Com 6$000 réis diarios, dados a um amigo, dava-se n'este tempo que fazer a 20 trabalhadores. E como este, muitos outros casos; e por isso é que as populações commettem excessos, originados nos excessos anti-economicos dos governos.

Tentativas de descarrillamentos.—Nas noites de quinta para sexta-feira e sabbado ultimo, uns malandros que se não sabe ainda quem sejam, apezar de já estarem presos desenove individuos, tentaram fazer descarrillar os comboios da noite, entre as estações de Azaruja e Evora, a 13 kilometros de distancia d'esta cidade, entre as herdades de Souza e do Carrascal. Na primeira d'aquellas noites, o meio usado para se fazer descarrilar o comboio, foi o emprego das chulipas, postas em varios pontos da linha, n'aquellas immediações, chulipas que o guarda calhas da machina do respectivo comboio arredou para longe; e na noite seguinte, foram varios carris postos sobre a linha, que igualmente foram atirados para longe, sem que, felizmente, houvesse transtorno a lamentar em qualquer dos comboios. Participado o caso á policia, o sr. commissario Fragoso partiu com varios agentes seus para o local e fazendo varias rusgas nos montes proximos, conseguiu prender dezenove maltezes que trouxe para o commissariado, não se podendo saber ainda, como dissémos, se alguns d'elles foram os auctores dos dois attentados. O sr. Fragoso e os seus agentes trabalharam toda a noite de sabbado, em que fizeram aquellas prisões, evitando assim a repetição do attentado n'aquella noite.

Despachos ecclesiasticos.—Fizeram-se os seguintes:

O presbytero Francisco Ferreira de Carvalho Lucas—apresentado na egreja de S. Pedro da Varzea de Goes, concelho de Goes, diocese de Coimbra.

O presbytero João Luiz Pereira Caldas—apresentado na egreja parochial de S. Mamede de Parada do Monte, no concelho de Melgaço, diocese de Braga.

O presbytero José Rodrigues Gil—apresentado na egreja de S. Facundo de Candoso, no concelho de Sábua, diocese de Coimbra.

O presbytero José do Souto Gama, parocho collocado na egreja de S. Martinho da Cortiça, diocese de Coimbra—apresentado na egreja de S. João Baptista de Sarzedo, no concelho de Arganil, da mesma diocese.

O presbytero Manuel José Coelho—apresentado na egreja de Santo Estevão de Urgezes, no concelho de Guimarães, diocese de Braga.

O presbytero Manuel José Pires Fernandes de Carvalho, parocho collado na freguezia de S. Thiago de Poiares, diocese de Braga—apresentado na egreja de S. Thomé de Prozello, no concelho de Amares, da mesma diocese.

O presbytero Benjamim Dias de Carvalho—apresentado na egreja de S. Simão do Pecegueiro, no concelho da Pampilhosa, diocese de Coimbra.

O presbytero Silvestre José Gonçalves—apresentado na egreja da Povoa de Santa Iria, no concelho de Villa Franca de Xira, diocese de Lisboa.

Acceita ao presbytero Abilio Alberto Alves de Moraes, parocho collado na egreja de Santa Maria da cidade de Bragança, a desistencia da egreja parochial de Santo Antão de Lagoaço, no concelho de Freixo d'Espada-a-Cinta, da mesma diocese, em que foi apresentado por decreto de 2 de junho ultimo.

Egrejas a concurso.—Está aberto concurso para o provimento das seguintes egrejas parochiaes:

Aldeias (S. Cosme), concelho de Gouveia, diocese da Guarda.

Avellada (Santa Eulalia), concelho de Villa do Conde, diocese do Porto.

Campos (S. Marcos), concelho de Reguengos, diocese d'Evora.

Corte do Pinto (Nossa Senhora da Conceição), concelho de Mertola, diocese de Beja.

Figueira de Castello Rodrigo (S. Vicente Martyr), concelho de Figueira de Castello Rodrigo, diocese da Guarda.

Lamas de Miranda (Espirito Santo), concelho de Miranda do Corvo, diocese de Coimbra.

Mindello (S. João Evangelista), concelho de Villa do Conde, diocese do Porto.

Villa Chã (S. Thiago), concelho de Ponte da Barca, diocese de Braga.

Qual seria esta? Um homem desconhecido, suspeito, mal vestido, que pede pousada sem dizer para onde vae, nem querer revelar d'onde vem; um homem a quem surprehendem com o rosto livido, o cabello eriçado, o rosto transtornado, a camisa ensanguentada, e a arma ainda tinta do sangue da victima; um homem que jura a sua innocencia e que, apezar d'isto, não tem quem atteste a veracidade das suas palavras, quem declare que a offensa não partiu d'elle mas do ferido, este homem, com quanto fiquem impunes acções cujo castigo deve ser rigoroso e immediato, não tem mais remedio que curvar-se ante o peso da lei, offerecer a perna á grilheta e os pulsos ás algemas, sepultar-se em um carcere, e arrostar o furor popular como um malvado.

Simão Paschoal, entregue pelo tribunal civil a um conselho de guerra, como auctor de ferimentos graves feitos na pessoa do sargento R. S., foi condemnado a presidio com retenção, isto é, a dez annos e um dia de continuos tormentos.

Devemos, porém, concordar que os legisladores de então, expressando por estes termos o que hoje entendemos por prisão perpetua, sabiam doirar a pilula de um modo surprehendente.

(Continua.)

---

12 **FOLHETIM**

Henrique Perez Escrich e Francisco de P. Entraal

MAGDALENA

PROLOGO

NA TERRA E NO MAR

XIII

Fatalidade

Os militares voltaram á jogatina mas sem deixarem por isto de contemplar Magdalena.

— Jogo — disse um.

— Passo — respondeu outro.

O que dissera passo olhou para o amigo, e com a barretina inclinada para traz e a ponta do cigarro ao canto da bocca, accrescentou em voz baixa:

— Que juizo fazes d'isto?

— Que deves continuar a jogar.

— Não é isso, refiro-me á rapariga.

— Ora, deixa lá a rapariga. Tenho um bello jogo!

— É lindissima.

— Não penses n'isso, homem.

— E depois, parece-me uma descarada mentira o que disse aquelle homem.

— Tambem me parece; e d'ahi, talvez diga a verdade.

— Qual historia! a pobre rapariga é victima do despotismo do marinheiro, que inventa talvez esta fabula com o fim de passar a noite na estalagem. Entendo que nos devemos dirigir a ella, tão depressa volte costas o tyrano, o que será apenas eu queira; digo-lhe duas palavras mysteriosas, como por exemplo: «confie a senhora em nós,» e se ella se mostrar amavel, divertimo-nos em tosar o seu falso protector.

— Estás com vontade de armar desordem.

— E o mais singular é que desejo a luta sem confiar na victoria.

— Isso, não porque ainda que chegasses a bater-te, coisa em que nem pensar devemos por ora, és valente e forte como um Hercules, e decerto levarias a melhor.

— Sim, mas aquelle homem seja bandido ou marinheiro, o que é bem diverso, mas similhante n'este caso, deve ter força para matar um boi com um socco.

— E tu não tens rival no exercito. Mas deixa-te de asneiras e joguemos.

— Pois joguemos.

— Vasa.

— Estimo bastante.

— Outra. Ganhei eu tambem.

— Ora essa!

— Eu não tenho culpa de tu jogares destrahido.

— Que linda rapariga! Ainda não deve ter vinte annos.

— Jogas ou não jogas?

— Que olhar tão doce, tão poético!

— Vamos, homem.

— Fascinam-me, matam-me aquelles olhos.

— Tu morres por todas, segundo creio.

— E' que não me resigno facilmente ao vêl-a em poder d'aquelle patife.

— Porque pensasas assim d'elle?

— Porque o meu coração não me engana.

— Oh! és infalivel!

— Espera um pouco.

E fazendo girar a cadeira até ficar defronte de Simão, disse-lhe de um modo impertinente, no qual transluzia tenção aggressiva:

— Olá amiguinho!

— Que vaes fazer? — perguntou o companheiro.

— Na la, vêl-o-has. — Então não ouve?

— Dirige-se a mim?

— Olhe lá, camarada, quer ganhar um par de reales para a ajuda da despeza?

— Conforme — respondeu Simão.

— Um homem que tanto necessita, como vossê, nunca diz isso.

Simão levantou-se em signal de assentimento, e o militar entregou-lhe uma moeda de ouro, ajuntando:

— E' cousa facil. Vossê atravessa a rua, entra em uma loja de bebidas que se encontra a poucos passos d'aqui, e pede uma garrafa de genebra.

— Nada mais?

— Nada mais.

Acceitando o encargo, Simão não pensou em si, mas na pobre Magdalena.

Apenas saíu da estalagem, o dono d'esta retirou-se com o fim de dar uma volta pelas cavallariças, e Magdalena ficou só, perto do lume. Dizer-se que sentiu mêdo, seria absurdo; a pobre senhora não pensava nos perigos que podiam rodeal-a: a morte de seu filho absorvia-lhe todos os pensamentos. O militar separou-se dos companheiros, arrastou a cadeira e approximou-se rapidamente da infeliz.

— E' pena — disse elle — que tão lindos olhos estejam empanados pelas lagrimas.

Magdalena estremeceu. Esta phrase, soltada em meio do seu doloroso cogitar, penetrára como um dardo no santuario da sua alma.

— Vamos, não deve offender-se por tão pouco, — proseguiu o militar — no fim de contas, aqui todos somos amigos e a ficção deve guardar-se para quando esteja em casa o tyrano. Já vê que é inutil continuar a representar o seu papel. Ora vamos, seja amavel, minha filha.

E ao mesmo tempo approximou o rosto do de Magdalena, a ponto de roçar com os labios a face d'aquella mãe desgraçada.

Magdalena soltou um horrivel grito, quiz fallar, e não o podendo conseguir, caiu desmaiada.

O militar soltou uma gargalhada, voltou o rosto, e ao voltal-o ficou mudo e aterrado. Simão o marinheiro apparecia n'aquelle momento.

— Ah! melhor — disse o militar, disposto a todo o risco.

Mas Simão, sem dar-lhe tempo de comprehender a grandeza da infamia, correu para elle e descarregou-lhe sobre a face uma tremenda bofetada.

O militar caíu redondamente no chão, e os companheiros, que até então tinham sido mudos espectadores d'esta scena, correram para Simão, agarraram-o pelos braços, e intentaram subjugal-o até que o companheiro se erguesse. Este levantou-se pallido e desgrenhado, puxou do sabre que lhe pendia da cintura, e arrojou-se impetuoso sobre o adversario. Mas Simão, por impulso violentissimo, rompeu o circulo de homens que o envolvia, atirou-se ao militar, arrancou-lhe valorosamente o sabre da mão, e preparou-se para a defesa; mas o militar, que, cego de colera e orgulho, queria a todo o custo sair victorioso, correu ao seu encontro, e antes de Simão desviar a arma, foi elle proprio cravar-se n'ella.

O marinheiro, vendo-o cair banhado em sangue, diriguiu ao ceu um olhar imcomprehensivel. A este tempo os militares, os paizanos, até o proprio estalajadeiro, arrojaram-se sobre o naufrago, espancando-o, chamando-lhe assassino, até o lançarem por terra sem forças.

A justiça, avisada pelo estalajadeiro, chegou pouco depois, e encontrou o homicida dando voltas em redor da casa, gesticulando horrivelmente e em completo estado de alienação ou idiotismo. Quando viu os agentes, prostrou-se de joelhos sem oppor a mais leve resistencia, mas rogou que lhe permittissem fallar á viuva do seu capitão.

O juiz respondeu-lhe que era impossivel annuir ao seu desejo, e que não podia vêl-a em quanto não alcançasse a liberdade.

Desde este dia, Simão não quiz mais fallar de coisa alguma. Pensando certamente que declarar a sua procedencia seria causa de novas indagações por parte da justiça, e que estas indagações poderiam occasionar a Magdalena gravissimos incommodos, e proporcionar talvez a John facilidade de levar a sua vingança aos sombrios calabouços de um prisidio, resolveu calar-se e resignar-se á condemnação.

Sadão (S. Romão), concelho de Arcos de Valle de Vez, diocese de Braga.

Teixeira (S. Pedro), concelho de Baião, diocese do Porto.

Valle de Guizo (Nossa Senhora do Monte), concelho de Alcacer do Sal, diocese de Evora.

Tratado.—O *Seculo*, publicou o tratado de *Wad-Rass*, celebrado entre Hespanha e Marrocos e na qual esta potencia se obriga ao seguinte:

«Artigo 7.º Sua Magestade, o rei de Marrocos, obriga-se a fazer respeitar pelos seus proprios subditos os territorios que nos termos e segundo as disposições do presente tractado ficam sob a soberania de Sua Magestade a Rainha de Hespanha.

Sua Magestade Catholica, poderá, sem embargo, adoptar todas as medidas que julgue necessarias para a segurança dos mesmos territorios, levantando em qualquer ponto d'elles as fortificações e defezas que considere convenientes e sem que a isso e em qualquer occasião possam as auctoridades marroquinas oppôr o minimo obstaculo.»

A entrevista do irmão do Sultão de Marrocos com o general Macias.—O celebre e mysterioso irmão do Sultão, Araaf, o Torto, como lhe chamam os seus compatriotas, já appareceu finalmente em Melilla.

Homem de typo distincto entre os seus, coisa que ninguem poderá contestar, é seguramente o mais feio da sua comitiva, o mais feio dos *riffeños*, o mais negro de todos os mais negros e mais feios do vasto imperio marroquino. Bem poderia chamar-se Balthasar ou o *Principe Negro*. O seu rosto, em que a natureza pôz todas as suas fealdades e o sol da Africa o effeito caustico dos seus ardores, destaca-se entre todos os dos seus vassallos. O poderoso exercito que levou a Melilla para contentar a Hespanha e para degolar os *riffeños*, eleva-se,o muito, a 36 cavalleiros, incluindo o principe, o *santão*, o chefe da cavallaria moura, que montava uma mula, e mais dois personagens. Uma comitiva altamente ridicula. Com o irmão do sultão foram treze askaris, melhor equipados e armados, mais militares e melhor dispostos do que os seus trinta esfarrapados guerreiros. Usam excellentes espingardas Remington, brunidas e lusentes, embora representem um vergonhoso contrabando feito contra a Hespanha. Quando a comitiva foi procurar o general Macias para a apregoada conferencia, levava a seguinte ordem:

O bajá do campo e quatro askaris, que faziam de batedores; depois o principe, seguido de nove askaris a pé; depois o *santão* com a bandeira real; o chefe da cavallaria, os dois desconhecidos personagens e os trinta cavalleiros com os seus uniformes de farrapos e umas espingardas historicas. O campo hespanhol estava coberto de tropas e em frente das tendas, proximo dos mouros, os dragões de Santiago. A comparação que se estabelecia entre as tropas hespanholas e as do sultão era realmente curiosa.

Nos dragões, que formavam junto das tendas, luziam os capacetes e brilhavam os uniformes e as armas. A cavallaria mourisca tinha por armamento escopetas, espingardas, pistolões e alfanges; montava miseros jumentos derreados e mulas; havia apenas um cavallo arabe, que constituia, segundo dizem, uma verdadeira raridade entre elles. Trajos de mil côres, não menos variegados, accusando tudo uma trapariaignobil. Foram recebidos, sem honras de qualquer especie e o general Macias não se incommodou a ir esperal-os. Quando chegaram defronte da barraca do general o principe apeiou-se e entrou. A' porta ficaram o ridiculo *santão*, com umas cintas pendentes dos hombros e formando uma especie de cauda, e o *bajá*, corrido e a pensar talvez no papel dos dias anteriores, quando conferenciava com os generaes. Havia só uma coisa admiravel n'esta scena ridicula dos mouros esfarrapados. A sua galhardia, o seu olhar energico ante as numerosas forças hespanholas, a sua attitude desafiando o vento e a chuva, altivos, impassiveis, fazendo destacar com a sua nudez a sua musculatura sem egual.

O principe fez novos protestos de amisade á Hespanha e Macias, respondeu que agradecia, mas que desejava provas. Araaf, replicou que ainda não tinha podido convencer as kabilas; que reconhecia o incontestavel direito da Hespanha, para construir o forte de Sidi Auriach; e finalmente que a Hespanha tivesse paciencia, que fosse esperando! A resposta do general hespanhol, foi digna d'um soldado: celebrara a entrevista por uma mera questão de cortezia; que o sultão podia fazer o que quizesse, castigando ou não as kabilas, vindo ou não vindo ao Riff; mas que a Hespanha, sem perder mais tempo, procederia como exigem os seus filhos mortos e a sua bandeira ultrajada. Foi isto o principal e o unico tractado. N'este acto perfeitamente inutil, celebrado pela condescendencia do governo, apenas ha a registar mais uma nova mentira dos mouros para augmentar as anteriores. Os protestos de Araaf de que o sultão estima os hespanhoes, as suas contumelias ao general Macias, a affirmativa de que as kabilas serão severamente castigadas, tudo isto não passa d'uma burla ignobil. A conferencia terminou com um sol esplendido, um ceu limpo de nuvens, e os mouros retiraram na mesma ordem em que tinham vindo. E quando a esfarrapada comitiva se perdeu ao longe,muito longe,no accidentado d'esse terreno arido para o qual olham as fortalezas, com o auxilio de oculos de alcance distinguiram-se sobre quatro tendas brancas, quatro bandeiras vermelhas, prégando a guerra! O epilogo da comedia, era o principio do drama que talvaz muito breve começará a desenrolar-se. O principe torto, negro e feio, que tão bem representa a sua raça traiçoeira, gosa de direitos feudaes. Dando-se ao prazer de contemporisar com as auctoridades hespanholas, espera o curso dos acontecimentos para se collocar ao lado de quem tiver a vantagem. Classifica os hespanhoes de crucis por terem matado mulheres e creanças, como se as granadas podessem distinguir as victimas, e a sua politica consiste a incutir nos *riffeños* a esperança de que, quando retirarem as tropas hespanholas, poderão á vontade desforrar-se! Emquanto ao sultão, não irá ao Riff sem que passe o tempo das chuvas e sem que o Atlas fique limpo de neves, e o *riffeños* estão perfeitamente convencidos de que ainda por essa epoca não estará concluido o disputado forte de Sidi Auriach.

E é n'isto que deram as notas conciliadoras do sultão e a missão salvadora de Araaf, o Torto!

Os anarchistas em Barcelona.—Continuam as prisões de anarchistas na capital de Catalunha. No dia 25 foram detidos José Clemente, Sebastian Suñez, Emilio Navarro e Rafael Navarro Fernandez. Em casa d'este ultimo encontrou a policia um rewolver, uma pistola, capsulas, e varios livros e brochuras onde se defendem as theorias anarchistas. Emilio Navarro fôra já preso na noite do attentado no theatro Lyceu, quando sahia apressadamente do edificio, pela porta que dá para a rua de S. Paulo. Confirma-se que o anarchista Rinaldi sahiu em direcção a França, poucas horas depois da catastrophe no Lyceu, tornando d'este modo infructiferas todas as diligencias que a auctoridade fez para o capturar. Entre os documentos apprehendidos ao anarchista Miguel Macher, preso ha dias, existem alguns de verdadeira importancia, pois dão a conhecer certas pessoas e grupos, até agora ignorados, que tinham relações em differentes pontos da Hespanha e estrangeiro. A policia prosegue nas suas averiguações.

Terrivel incendio em Paris, rue des Martyrs.—*Numerosas victimas.*—Um violento incendio, que causou numerosas victimas, teve logar no dia 24 do mez findo, pelas 9 horas e meia na rua dos Martyrs. N'este logar levanta-se uma casa de 6 andares habitada por negociantes e particulares. Em poucos minutos o fogo, que tinha principiado n'um quarto do terceiro andar, habitado por um empregado do commercio e ausente n'este momento, propagou-se com uma rapidez espantosa. Antes que houvesse tempo de organisar os soccorros, as chammas invadiram a escada e attingiram o 4.º e 5.º andar. Um panico espantoso se produziu então entre os locatarios de que a maior parte já estavam deitados, não podendo fugir, porque a escada se encontrava em chammas. De todas as janellas gritos afflictivos se faziam ouvir. Foi com grande custo que as pessoas que presenciavam esta terrivel catastrophe, conseguiram dissuadir as desgraçadas victimas a que não se precipitassem na rua. N'este meio tempo os bombeiros da rua de Choron, cuja estação fica perto, concorreram com bombas a vapor e escadas de salvação.

Meios de salvação.—Emquanto que as mangeiras projectavam a agua sobre a casa, outros collocavam escadas e sucessivamente estes valentes desciam mulheres e crianças quasi desmaiadas. As victimas segundo o seu estado eram levadas para as pharmacias proximas. Alem dos locatarios havia no 6 andar varias pessoas que no mesmo se encontravam de visita.

Pelas janellas. — De todas as casas que lhe ficavam adjecentes e fronteiras,principiam os moradores a atirar pelas janellas colxões, cobertores, que os que se achavam na rua seguravam a força de braços para assim amortizar o choque dos intimos que desesperados se preparavam para saltar das janellas. Logo que tudo estava disposto o primeiro que se atirou foi o sr. Charbuy do quarto andar a quem levantaram desmaiado e com uma perna partida. Alguns instantes depois uma mulher quasi louca atira seu filho de 5 annos, a creança é recebida nos braços do povo e levada para uma casa proxima;immediatamente o sr. Muillet atira-se tambem do quarto andar, a quem levantam tambem com uma perna e a maxila quebrada. Mas ainda não estava tudo terminado do quarto andar ouvem-se gritos afflictivos; era a mãe que ha pouco havia lançado o filho que por seu turno se perpara para se lançar tambem. Os salvadores redobram de esforços e dous colxões são estendidos por sobre um montão formado de centenares d'elles. Lançai-vos gritaram á desgraçada; apenas se ouve este grito quando a pobre senhora bate com uma massa inerte sobre os colchões. Levantão-na e por milagre vese que nada tinha soffrido. Voltando a si caminha como uma louca gritando a todos: o meu filho! o meu filho! onde está meu marido? Conduzem-na á pharmacia proxima onde perdeu os sentidos.

As causas do incendio. — O sr. Charbuy, em casa de quem principiou o incendio só muito tarde appareceu, toda a sua mobilia foi destruida bem como um grande numero de quadros em que negociava. Segundo todas as probabilidades a cauza do sinistro foi aquelle sr. ter deixado o fogão da sala de jantar acezo. Nos baixos da casa havia um grande armazem de materias inflamaveis; se o fogo e tem attingido todas as casas proximas iriam pelos ares.

Incendio em Aubenas.—Quatro victimas.—*Privas 24 de novembro.*— Acaba de declarar-se um violento incendio que victimou em suas chamas quatro pessoas, pae e tres filhos, tendo o mais velho 11 annos e sendo o mais novo de berço. Na noite passada notaram as visinhas que sahiam chamas da casa proxima e dando o signal de alarme, os donos da casa, marido e esposa desciam precipitadamente a escada para a rua quando o filho mais velho chegou á janella soltando gritos desesperados. Não se podia chegar ao quarto onde elle se encontrava senão com uma escada ou atravessando o 1.º andar já todo em chamas. O pae,o snr. de Dalmas, lançou-se desorientado em busca de seu filho, infelizmente era já tarde, e não pôde atravessar o andar, sendo depois retirado dos escombros carbonisados bem como os seus tres filhos.

Tempestade em Hespanha.—No fim da ultima semana cahiu grande tempestade sobre Bilbau e suas immediações, enchendo a população de terror e produzindo graves prejuizos materiaes. Felizmente não houve victimas. Um raio que cahiu na egreja de Nocedal, bairro de Santurce, destruiu quasi toda a torre e, penetrando no templo, quebrou uma das mãos da imagem da Virgem. Passando depois á sachristia, o mesmo raio causou grandes estragos. Calcula-se que os prejuizos ascendem a 3:000 pesetas. O vento derrubou parte de varios edificios,—telheiros, chaminés, claraboias, etc. Mas não foi só em Bilbau que a tempestade se fez sentir d'um modo violento: em Murcia tambem houve um verdadeiro furacão, e tanto que se receiava que tivessem naufragado alguns barcos. O frio que se sentia n'aquella povoação era intensissimo. Em Sevilha o frio era tão vivo que um reservista morreu em consequencia da friagem. Estiveram interrompidas as linhas por causa das nevadas e das chuvas em varios pontos.

Tempestade no mar.—Continuam a indicar-se grandes tempestades no oceano Atlantico. Dizem de Londres que o transantiantico *Lucania* chegara na manhã de 18 com doze passageiros feridos, tendo um d'elles uma perna fracturada. Um viajante que fez aquella traressia noventa e quatro vezes, disse que nunca tinha sido testemunha de uma tempestade similhante. Chegava mesmo a ser perigosa qualquer tentativa para sahir dos beliches. O mar tem estado muito mau no canal de S. Jorge; todos os paquetes da Irlanda estão retardados.

Continua a dar se noticia de naufragios em diversos pontos da costa; n'alguns teem havido mortes entre as equipagens. O vento foi tão violento, que um comboio do caminho de ferro teve de parar em Saint-Yves, no Paiz de Gallés. Em todo o littoral cantabrico e nas regiões noroéstes de Hespanha, tem soprado medonha tempestade.

Falla-se de muitos sinistros maritimos. Em toda a parte teem funccionado com difficuldades as linhas telegraphicas.

As mulheres jornalistas.—Segundo refere uma folha estrangeira, a França conta 237 mulheres jornalistas. E' verdade que 230 só escrevem em jornaes de modas ou redigem artigos sobre modas nos outros jornaes. Na Inglaterra o numero de mulheres que escrevem nos jornaes é muito maior, é quasi uma legião. Nos Estados-Unidos succede outro tanto. Segundo o recenseamento de 1890, as mulheres que collaboravam nos jornaes, formavam o respeitavel contingente de 588 jornalistas vestindo saias.

Tres grandes medicos.— Dumolin, medico celebre que viveu em tempos de Luiz XVI, quando estava para morrer, e se achava recebendo os cuidados dos seus mais distinctos collegas de Paris observando a dor em todos manifestada, pelo estado em que o viam, 'disse-lhes com expressão de confiança:

— Meus amigos, não lamenteis a minha morte porque em meu logar deixo tres grandes medicos. Cada um dos assistentes julgou no seu amor proprio, ser um dos comprehendidos em o numero dos designados pelo distincto enfermo; mas ficaram todos desapontados, quando Dumolin, instado para que designasse quaes eram os que lhe mereciam tão elevado conceito responden:

— Estes medicor são: *a agua o exercicio e a dieta.*

Mais um miseravel.— Tinha cegado um millionario muito avarento, que tinha cataratas em ambos os olhos. O medico occulista pediu-lhe quarenta libras pela operação. O millionario resignou-se e n'um instante se operou um dos olhos, reconhecendo o operado com infinito jubilo que via tudo e distinguia perfeitamente as côres.

— Agora! continuou o medico; vamos ao outro ôlho.

— Ao outro ôlho, para quê? disse o millionario. Pegue lá vinte libras, que sempre são vinte que eu poupo.

Pharol colossal.— Ha pouco tempo que o cabo de la Heve, proximo do Havre, se acha illuminado por um pharol electrico de extraordinaria força; uma especie de sol artificial, que se descobre a mais de cincoenta milhas de distancia. O seu resplendor intermitente é tão poderoso, que em tempo de nevoeiro podem os navegantes vêr de bem longe o effeito luminoso que produz, como se fôsse uma cidade illuminada. A potencia do pharol provido do seu apparelho lenticular, comprehende a força de 2:500 velas.

Moinho monstro.—Todos sabem que os Estados-Unidos são os grandes fornecedores de farinha do mundo, mas na confedereção um dos grandes centros de producção, um dos mercados de trigo e de farinha mais importantes, é Minniapolis. N'esta cidade contam-se nada menos de dez moinhos que fornecem 2:000 barricas de farinha por dia: em primeiro logar, a usina conhecida pelo nome de Pittsbury A e que produz 7:200, depois Washburu A, que produz mais de 5,200; segue-se Pittsburg B com 4,000 e Washburu C com 3,200. O moinho Pittsburg A é immenso, sabe-se póde avaliar pela sua producção. Sete companhias de caminhos de ferro tem para elle entroncamento e fazem entrar e sahir 200 wagons por dia para levar o trigo e trazer a farinha. Um algarismo dará idéa da importancia d'esse estabelecimento. Recebe elle todos os dias 36,000 alqueires de trigo e como se calcula que o alqueire pese 60 libras inglezas, dá isto cerca de 960 toneladas de trigo, e em cada dia peso egual transformado em farinha.

SECÇÃO AGRICOLA

CONHECIMENTO DAS TERRAS PELA SUA CÔR E SABOR

A côr da terra é um indicio sempre seguro do maior ou menor grau de calor que lhe é propio. As *terras brancas*, terras que luzem de noite, são frias e pobres. Frias, porque, ao contrario das terras escuras, absorvem pouco calor; pobres porque não conteem nem ferro nem humus. Cobrindo com substancias escuras, e especialmente com carvão pulverisado, as terras esbranquiçadas, augmenta-se a sua faculdade de absorpção de calor na proporção de 50 por cento. E' assim que, lançando sobre a terra uma leve cepa de materias turfosas negras, ou terriço escuro, se pode antecipar a vegetação das hortaliças. E' por isso tambem que muitos usam pintar de escuro as paredes dos pomares, para conseguir que o calor n'ellas accumulado durante o dia beneficie o rapido crescimento dos fructos, pela irradiação a que, durante a noite, dão logar taes muros. Pelo contrario, a côr branca de muitos terrenos favorece, nos climas meridionaes, a maturação uniforme dos fructos da vide pela quantidade de calor reflectidos. O angulo de incidencia dos raios do sol em egualdade de circumstancias, faz com que as terras se aqueçam mais quando os raios solares caem perpendicularmente ou com menos inclinação. Esse effeito faz-se sentir nas terras enladeiras A exposição tambem influe, sendo a de léste a mais suave e mais temperada, e de oeste a mais desegual, a do sul a mais quente, a do norte a mais fria.

A côr da terra e o seu estado de humidade e angulo de incidencia, podem originar differenças de temperatura de 14 a 15 graus: sendo as variações dependentes da natureza do solo muito menos accentuadas.

As terras *escuras* ou *negras* conteem ou muito ferro ou muito humus. Se o solo é aspero, não tem chorume, a côr negra provem do ferro não oxygenado, e em tal caso pouco valor tem; se é untuoso e cheira a podre, a côr negra resulta principalmente dos detritos de materias organicas, e portantanto é fertil esse terreno.

A *côr vermelha* indica que o solo contem muito ferro oxygenado, e portanto apto para curtir e dissolver os adubos encorporados na terra. As terras fortes bem constituidas teem geralmente esta côr.

Pelo sabor da terra se conhece a preponderancia de certos saes e outras substancias, das quaes umas podem ser uteis, e outras prejudiciaes ás culturas. Os saboros, *amargoso*, que denuncia a presença de uma forte dóse de saes de magnesia, e o *salgado*, que attesta a presença de sal marinho, accusam um destempero do solo dos mais difficeis de corrigir. O sabor *alcalino* denota abundancia de saes de potassa; o sabor *acido* certifica que o solo contém muitos acidos negros, o *humico* sobre tudo, resultantes da decomposição incompleta das materias organicas. O sabor *picante* é indicio da presença de cal na terra; o *adstringente* indica o tannino; o *ferruginoso*, a presença do oxydo de ferro (não oxygnado).

O sabor terroso *suave e adocicado* denuncia o justo equilibrio de todos os elementos da terra, estado de combinação em quantidades harmonicas.

SECÇÃO LITTERARIA

SOMBRAS

PROSAS

DE

A. A. DE LIMA DUQUE

III

DIVAGAÇÃO

Noite alta. Cerca-me o silencio das trevas, pezado como a escuridão que vae lá fóra, n'esta noite de chuva e de tristeza.

Voeja tu, ó pensamento; adeja solitario no ambito dulcissimo da minha phantasia e traze-me, agora que o gêlo dos desenganos arrefeceu minh'alma, esse suavissimo calor das minhas illusões! Ai! queridas illusões dos meus dezenove annos, risonhas como as auroras do levante, saudosas como as tardes do meio-dia. Mortas, despidas dos ouropeis das minhas chimeras de rapaz, ainda vos amo e vos bemdigo; ainda desejo ressuscitar-vos ao meuos n'estas treguas de momento, em que eu cêdo á poesia do coração toda a força da minha vida tão accidentada e triste!

Oh! não fosse eu uma d'essas victimas do Genio do Destino, assignalado desde a berço com essa flamula sagrada do fogo da inspiração, que é a insignia d'esses sêres desventurados que o mundo chama poetas,cujo condão é o sentimento e eterno dote—a dôr!!

*

Dorme agora a povoação o seu somno de repouso, emquanto eu—talvez o unico sonhador d'aqui—vélo triste e desgostoso n'um anceiar de louco, captivo n'um oceano de miragens sem o porto d'uma só realidade, onde ancore por um instante a phantasia afflicta; chorando uns bens phantasticos que não posso definir; anhelando vagamente objectos indistinctos, acorrentado a uma saudade tão funda como o mar, saudade nem sei de quê; amando perdidamente uns espectros do passado, confusamente vagos; desvairando solitario com o pensamento meu nas selvas mysteriosas do doido coração!

Só vós, ó meus irmãos do estro e do infortunio, irmãos pelo sentimento, poetas como eu, como eu cumprindo o fado das Musas dolorosas; só vós entendereis o louco mysticismo da minha solidão.

Como é ardente este medonho soluçar da nossa alma inteiro, desperta pelas evocações da memoria do passado, quando brilha n'esse pretérito de dôres a chamma mal apagada d'um grande amor trahido!

Como o vulto d'essa mulher se agiganta nas bellezas d'uma seducção que queima, quando se ateiam na nossa mente esbrazeada os pállidos reverbéros do seu sonhado olhar! E a miragem cresce sempre, sempre, como fatidico destino, a coroar-se das radiosas scintillações do nosso immenso amor, lapidada pelos orvalhos das lagrimas retidas, como vaga collossal n'um lago que fervêsse. E' então que a vida toda reflue ao seio do infeliz e o poeta vive inteiro no fundo do coração!

Riquezas, honrarias, grandezas cubiçadas, esses mil monumentos da grande vaidade humana baqueiam ante o altar do nosso sentimento; e o amor, divinisado pelo crisol do soffrimento, alumia o lôdo que se reveste d'esses ouropeis do mundo e o vate dobra o joelho á luz da sua alma e abraça-se á sua cruz com o fervor d'um crente!

Como és sublime; ó genio, scentelha luminosa baixada do Infinito e occulta pela mão da Providencia no seio do trovador, qual gôta crystallina de rócio primaveril na pétala sombria de triste violêta!

*

Dormi, entes de lôdo, repletos do prosaismo que vos enebria a vida, o somno sem visões das vossas mudas noites: mais doce é esta vigilia das minhas horas de poesia, que me embriaga o coração d'amor e de saudade e me banha suavemente a alma scismadora n'um pranto consolador de doces illusões!

Não, nunca: o vento que agora move as franças dos arvoredos, e rumoreja perto no pinheiral da serra, não responde aos monótonos ronquidos do vosso somno inerte; mas casa o seu gemido aos bramidos dolorosos ou suaves da minha phantasia, faz côro com este surdo tumultuar das memorias do passado, que rolam gemedôras na minha mente em fogo, responde-me nas trevas d'esta chuvosa noite ao crepitar da dôr que muge na minh'alma, acclama com seu zunido os gritos de saudade que ressôam no meu peito e vibra nos seus sons um canto que soluça com meu arfar d'amor.

Poeta, como esses tantos que vivem do sentimento, como elles incomprehendido nos meus arroubos de devaneio e de poesia, eu te bemdigo, ó Natureza, no doce desdobrar do teu scenario sublime:—os teus astros são os olhares que nos consolam no nosso isolamento; as tuas trevas são o manto que nos esconde as lagrimas do desgosto; os teus quadros são a moldura das nossas inspirações; as tuas auroras são as bençãos do nosso soffrimento; as tuas calmas são as blandicias das nossas illusões; e as tempestades que se desenrolam no teu seio são as vozes bemditas e suaves, que respondem aos ribombos procellosos do nosso coração, quando a noss'alma tambem ruge aos embates das paixões, n'esses combates ignorados das nossas dôres escondidas!

Não mentia a minha pobre lyra, não; quando na pujança da mocidade, ainda mergalhada n'um golpho de chimeras, preadivinhando todas as desillusões que haviam de gelar-me a phantasia, vibrava (ao cabo d'um dos seus cantos mais lyricos e inspirados) esta estrophe tristemente verdadeira:

E' do poeta condão
eterna dôr! Um vulcão
dar-lhe Deus por coração,
por crâneo luz sem medida:
por herança o doce canto,
as illusões por encanto,
amor saudades e pranto
por companheiras da vida!

*

A manhã vae despontar. Calem-se agora dentro de mim estas vozes melodiosas que sinto gemer ainda no fundo do coração: a aurora dos meus sonhos já declinou no occaso, e eu não posso já erguer ás alvoradas de cada dia meu estro agradecido aos fogos do levante. Qual ave moribunda em escuso ninho occulta, minh'alma adora a noite e foge á madrugada!

(*Continua.*)

PARA PROTEGER A EPIDERME CONTRA as influencias perniciosas da atmosphera, para conservar ou dar ao rosto frescura, mocidade e macieza é indispensavel adoptar para a toilete diaria

O CREME SIMON

preparado com glacerina, e a sua acção efficaz e benefica é tão rapida e tão evidente, que não ha ninguem que o use uma vez que não reconheça immediatamente as suas grandes virtudes. J. SIMON, 13, rua Grange-Batelierè, Paris.

ANNUNCIOS

LECCIONISTA

JOÃO Maria Pereira Campos Junior, reabriu as suas aulas de instrucção primaria, portuguez e francez, bem como um curso de habilitação para os exames dos candidatos ao magisterio primario.

Todos os alumnos leccionados pelo annnnciante obtiveram approvação nas referidas disciplinas.

Admitte alguns alumnos internos de idade até 12 annos.

Morada—Bairro Novo do Rocio—Aveiro.

ADVOGADO

DR. MANUEL FRANCISCO TEIXEIRA

Rua da Vera-Cruz

AVEIRO

TYPOGRAPHIA

VENDE-SE uma pequena typographia completa. Na typographia d'este jornal se diz quem está encarregado da venda.

irem para suas casas (*apoiados do sr. visconde de Fonte Arcada*). Mas ainda mais, sr. presidente, os proprios aliciadores, convencidos, confessos, julgados em conselho de guerra, e condemnados á morte, nem um só mandei fuzilar (*apoiados*). E não seria aqui o lugar de fazer vêr o reverso d'esta medalha? Não o farei porque, repito, o meu fim não é irritar, mas socegar os espiritos, e contentar-me-hei com o testemunho da minha consciencia que se de alguma cousa me accusa, é de ter sido talvez demasiado generoso.

O D. Par o sr. Gomes de Castro attribuiu principalmente á falta de um manifesto a má opinião que se estabeleceu contra nós nos paizes estrangeiros. O ministerio não se esqueceu d'esta medida, mas hesitou entre ella e uma circular. Depois de graves ponderações preferiu o ultimo expediente, e uma circular que redigiu o D. Par o sr. José Antonio Maria de Sousa e Azevedo foi submettida aos Soberanos da europa que mais immediatas relações tem comnosco; não houve portanto omissão a este respeito.

A primeira consequencia do fatal acontecimento de Torres Vedras, como lhe chamou o D. Par o sr. Rodrigo da Fonseca Magalhães; e eu faço-lhe a justiça de acreditar que escolheu o adjectivo fatal, não porque aquelle acontecimento tornou inabalavel o throno da Rainha; não porque elle acabou com um partido que reviveu, porque se encarnou no miguelista; não porque a Carta Constitucional ficou por elle intacta e livre das mãos profanas que a queriam destruir (*muitos apoiados*)—(*O sr. Franseca Magalhães*—Creio que expliquei) mas sim porque todas estas vantagens foram ganhas á custa de tanto sangue portuguez. A primeira consequencia de aquelle acontecimento que por muitas vezes aqui se tem attribuido á fortuna e ao fado, e que eu desde logo attribuí ao Senhor Deus dos exercitos, como se vê da minha participação official; escrevendo tambem a minha mulher n'esta mesma noite—«Não acceites parabens—dá graças a Deus.—Taes foi«tos como os de hoje são superiores ás forças do homem; só a «mão do Omnipotente os póde executar.» A primeira consequencia desse acontecimento, foi a capitulação, como lhe chamou o sr. conde do Bomfim.

O nosso velho Bluteau diz no vocabulo—Capitulação—condições com que se faz qualquer cousa.—Muitas vezes adoça-se este termo chamando-lhe—Convenção—como por exemplo a de Cintra em 1808, e as de Paris de 13 de março de 1814 e 3 de julho de 1815. Não tenho porém a menor duvida em concordar com o sr. conde do Bomfim chamando-lhe capitulação. O que julgo porém conveniente e necessario é que a camara saiba quaes foram aquellas condições, das quaes lhe dará perfeito conhecimento a leitura dos documentos que passo a fazer.

«S. ex.ª o marechal do exercito duque de Saldanha, encarrega-me de intimar ao commandante das forças estacionadas no costello d'esta villa, que se rendam no praso de uma hora depois da recepção d'esta, com a condição unica de serem garantidas as vidas, a todos os individuos, e permittido ás praças de pret o continuarem no serviço de Sua Magestade a Rainha, na intelligencia que já se acha collocada a artilheria que deve bater o castello, se dentro d'aquelle prazo se não se tiver rendido. S. ex.ª faz responsavel ao mesmo commandante e aos de mais chefes, por todo o sangue portuguez, que sua obstinação fizer derramar. S. ex.ª me encarrega igualmente de remetter as cópias juntas das comunicações interceptadas hontem á noite. De ordem do sr. marechal certifico ao mesmo commandante que impreterivelmente começará o fogo no prazo marcado se não se tiver rendido.—Quartel general em Torres Vedras, 11 horas do dia 23 de dezembro de 1846.—De ordem do sr. marechal, *Barão de Saavedra.*

Ill.mo e ex.mo sr.—Toda a minha vida servi com honra, assim como os generaes, chefes, officiaes, e todas as praças que tenho a honra de commandar. Acceitarmos as condições que nos são propostas, seria manchar a honra do exercito portuguez, em que tantos serviços temos feito a Sua Magestade a Rainha, e ao paiz, nem poderiamos esperar uma similhante proposta da parte de quem nos viu hontem combater. Mas nenhuma duvida terei de me render com toda esta cias que tiveram lugar antes d'aquella resolução, e eu só direi que quando me constou qual era a intenção do governo, escrevi ao D. Par o sr. Sousa Azevedo expondo-lhe quaes eram os inconvenientes que via na hida dos prisioneiros para a Africa, as vantagens que haveria em que elles fossem antes para a India, e s. ex.ª respondeu-me no mesmo dia declarando que approvava completamente as minhas idéas, mas no dia seguinte apresentando o D. Par a minha carta em conselho de ministros, e quando alli se tratava d'aquelle objecto o ministro da marinha apresentou correspondencias da India, pelas quaes se mostrava ter havido alli uma tentativa de revolução.

Nestes termos tornou-se indispensavel a ida para Angola que eu approvei e de cuja responsabilidade partilho com aquelle ministerio.

Foi n'esta sala que ouvi pela primeira vez fallar das instrucções dadas ao commandante do brigue *Audaz* e enviadas ao governador d'Angola.

O D. Par e meu amigo e collega em mais de um lugar o sr. Rodrigo da Fonseca Magalhães quasi que me elevou á honra de fundador da coallisão. D'aquella coallisão que s. ex.ª por mais de uma vez tanto tem elogiado, e áqual declarou que não pertencia, que não queria pertencer. S. ex.ª não estranhará portanto que eu não acceite aquella honra. Quando s. ex.ª tratando da coallisão deu a noticia de eu haver proposto a formação de um ministerio de dois cartistas, dois setembristas, e dois realistas, ninguem deixaria de acreditar que era proposta moderna. Ella data porém de 1840.

A navegação do Douro e o intempestivo adiamento das côrtes tinha complicado as nossas relações com o governo hespanhol. Fui alli mandado em missão extraordinaria. Publicou-se na *Gazeta de Madrid*, quando eu alli estava, um artigo do qual pedi satisfação dada na mesma gazeta, ou os meus passaportes em 48 horas. Todo o corpo diplomatico julgou a guerra inevitavel, mas a satisfação appareceu; as negociações continuaram e terminaram felizmente.

Foi no momento em que se julgava a guerra inevitavel,

SEGUNDO DISCURSO

PROFERIDO NA SESSÃO DE 15 DE FEVEREIRO

Sr. Presidente: hontem tive a honra de expôr á camara quaes eram as minhas idéas a respeito da situação em que

O sr. C. de Lavradio—Eu appello para o sr. Gomes de Castro, que o deve defender de uma grave imputação, porque s. ex.ª esteve muitos annos no ministerio dos negocios estrangeiros, e sabe a sua honra: nós devemos defender os empregados, que serviram debaixo das nossas ordens, e elle sempre serviu com moral e prestimo; e appello para a indicação do homem a quem todos respeitam, declarando o nome do *sr. João de Sousa Pinto de Magalhães.*

O sr. presidente do conselho—Eu peço ao D. Par que não continue, porque ninguem fez imputação.

O sr. C. de Lavradio—Fez-se imputação a um homem que foi suspenso por uma intriga.

O sr. Gomes de Castro—E' da minha honra dizer duas palavras, se v. ex.ma me dá licença. (*O sr. presidente*—Se o D. Par permitte, tem a palavra, mas eu julgo isso contra a ordem). Corria que tinha ido um expresso até Villa Franca ou Santarem, e attribuiu-se a que esse empregado o tinha mandado, e talvez falsamente: d'alli podia mandar se um expresso desde o inspector até ao ultimo almocreve, e podia haver uma pessoa que mandasse aquelle expresso; e este empregado, a quem faço justiça, foi elle mesmo ter com o nobre Duque de Saldanha, que de tal modo o recebeu que lhe mandou dar o seu ordenado, e depois teve occasião de se justificar. E' quanto tinha a dizer, e não queria interromper o D. Par.

O sr. presidente—A hora já deu...

(*Vozes*—Falle, falle).

O sr. presidente do conselho—Fallarei ámanhã. Mas agora direi, que junto a minha voz á dos D. Pares em abono d'aquelle honrado empregado, e estava tão persuadido da sua honra, que quando o suspendi, mandei continuar-lhe todos os seus vencimentos (*apoiados*).

GRANDE LIQUIDAÇÃO

JOSÉ DOS SANTOS GAMELLAS & FILHO, retirando da vida commercial, liquidam todos os generos que tem no seu estabelecimento e que constam do seguinte:

Grande quantidade de vinhos finos nacionaes e estrangeiros, cognacs, licôres, genebra, champagne, aguardente de canna, cervejas nacionaes e estrangeiras, variadissimas qualidades de conservas, bolachas, dôces, massas e farinhas para sôpa e dôce, pássas de Malaga, cartonagens para amendoas, chás, café, arroz, assucares e muitissimos outros artigos que seria impossivel innumerar.

Tambem se vende a armação do estabelecimento e todos os seus pertences, assim como se alluga a loja, casa e armazens, a principiar em 1 de janeiro de 1894.

Avisamos todas as pessoas com quem têmos transacções, a apresentarem-nos as suas contas até 15 de dezembro, para serem devidamente pagas; e avisamos todos os nossos devedores para nos pagarem as suas contas, até ao mesmo dia 12 de dezembro, sob pena de serem obrigados judicialmente, ou as dividas serem vendidas em praça.

Aveiro, 20 de novembro de 1893.

José dos Santos Gamellas & Filho.

GRANDE HOTEL VOUGA

EFFECTUOU-SE no dia 10 de setembro a abertura inaugural d'este magnifico hotel, sem contestação o primeiro da cidade, com explendidos commodos, admiraveis vistas para todos os pontos de Aveiro, e comidas de primeira qualidade, a preços reduzidos, em meza redonda ou separada.

O **Grande Hotel Vouga,** em todas estas condicções, excepcionaes, n'uma terra como esta, vem substituir o antigo *Hotel Aveirense,* em edificio proprio, desde o seu começo feito para um estabelecimento grandioso como este. Tem a todos os comboyos carro na estação do caminho de ferro da cidade, gratuito para os seus freguezes, garantia que nenhum outro offerece tanto aqui como lá fóra. Por todas estas razões, que são na verdade extraordinarias, o **Grande Hotel Vouga** deve ser de preferencia procurado por todos, e assim o espera o seu proprietario, que se não poupa a exforços para eleval-o á altura em que se encontra.

PREGOS D'ARAME

GRANDES DESCONTOS

PARA REVENDER

ENVIA-SE TABELLAS A QUEM AS REQUISITAR

COMPANHIA VICTORIA

Rua das Janellas Verdes

LISBOA

UNICO DEPOSITO

DE

FUNDAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS

DE

ANTONIO TEIXEIRA DA MOTTA

RUA DE D. PEDRO, 87

PORTO

GRANDE sortimento de todas as classes de **fundas** dos melhores systemas conhecidos, fazendo-se por medida para todas as roturas, cujas necessidades só assim pódem ficar garantidas. Tambem se fazem **fundas** para creanças, curando-se todas, sem ser por milagre, mas só com o uso das **fundas** d'esta casa e o competente exercicio physico. N'este estabelecimento encontra-se um grande sortimento de **cintos umbelicaesemechanicos,** assim como **meias elasticas, suspensorios escrotais,** etc., etc.

No mesmo estabelecimento faz-se toda a qualidade **d'apparelhos orthopedicos** para todas as deformidades que aparecem no corpo humano e que seja compativel a sua applicação. O systema porque são executados estes **apparelhos e fundas** é bem conhecido dos **ex.mos medicos portuguezes** e de muitos estrangeiros, que os recommendam aos seus pacientes com a maxima confiança.

E como não ha de ser assim, pois que se a digna classe **medica portugueza** viu pela primeira vez fabricados em Portugal, **apparelhos** e **fundas** com perfeição, e satisfazendo aos que soffrem conforme as suas necessidades, devem-n'o unicamente só a mim, sendo o primeiro que ha 32 annos introduzi no paiz o ramo **orthopedista,** fazendo-o sempre acompanhar de todos os melhoramentos e descobertas que tenho feito á custa d'um aturado estudo, e segundo as necessidades que se tem apresentado. N'este ponto nada tenho que receiar, nem invejar dos estrangeiros.

Previno, por isso, os dignos **facultativos** e os meus numerosissimos freguezes para que não confundam o meu estabelecimento com outros de egual genero que ha na mesma rua e cujos proprietarios foram meus officiaes.

Antonio Teixeira da Motta.

FUNDIÇÃO DO OURO

PORTO

A Fabrica de Fundição do Ouro, fundada em 18[illegible] por Luiz Ferreira de Souza Cruz, seu actual director e gerente, *que foi premiada com as primeiras medalhas na exposição industrial portuense de 1861, sendo uma por distincção; com a medalha de prata na exposição agricola de Braga em 1863; com a medalha de honra na exposição agricola de Lisboa em 1864; com o diploma de merito na exposição Universal de Vienna d'Austria em 1873, e com a medalha de 3.ª classe da Associação Nacional, Agricola, Manufactureira e Commercial de Pariz em 1879,* acha-se hoje extraordinariamente augmentada com importantes machinas para auxilio dos seus trabalhos, e por isso muito habilitada para a construcção de machinas e caldeiras de vapor, tanto para terra como para mar, até á força de 200 cavallos, de qualquer dos systemas mais aperfeiçoados e uteis. Motores hydraulicos, machinas de destilação, prensas para azeite e para vinho, e toda e qualquer obra de ferro fundido ou batido, metal, cobre ou bronze.

Porto, 9 d'outubro de 1893.

TINTA PENINSULAR

Joaquim dos Santos e Silva, chefe dos trabalhos praticos do Laboratorio Chimico da Universidade de Coimbra, socio effectivo do Instituto de Coimbra e da Sociedade Chimica de Berlim, e socio honorario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana; e Charles Lepierre, engenheiro pela Escola de Physica e Chimica Industrial de Paris, professor de Chimica na Escola Industrial de Coimbra e membro da Sociedade Chimica de Paris:

Declaramos que tendo examinado as *tintas de escrever, preta e de copiar,* da fabrica do sr. Alvaro Esteves Castanheira, de Coimbra, e tendo um de nós assistido á sua fabricação, achámos que ellas estão nas condições de poderem substitnir as melhores marcas estrangeiras. E podemos accrescentar, que estas *tintas* não criam bolor, como acontece com muitas outras, o que é devido não só ao aceio na sua preparação, mas tambem aos processos inteiramente novos que introduzimos no modo de lhes conservar as suas qualidades primitivas sem prejudicar o resultado final, que consiste em fornecer ao publico um producto sempre da mesma composição e ao mesmo tempo hygienico. Com effeito, sabe-se que um grande numero de tintas estrangeiras são addicionadas de bichloreto de mercurio, antiseptico energico que conserva a tinta, mas que lhe dá propriedades nocivas, pois que este composto é um poderoso veneno, que póde occasionar graves accidentes, visto o costume que as crianças têm ordinariamente de levar a tinta aos labios Estes inconvenientes não podem ter logar com as tintas que examinámos.

Tambem assistimos na mesma fabrica á preparação do **lacre** de differentes côres, e pelos ensaios sobre a sua fusibilidade, a facilidade de combustão sem se tornar preto, etc., comparados com os productos de procedencia estrangeira, ficámos convencidos de que o **lacre** nacional da fabrica do sr. Alvaro E. Castanheira não é inferior em qualidade ao **lacre** estrangeiro.

Finalmente, o nosso exame ainda se estendeu ás *tintas de cores e de marcar roupa, gommas e collas liquidas,* que achámos serem de excellente qualidade, apresentando todas as garantias de perfeita conservação.

E por ser verdade passamos a presente declaração que assignamos. Coimbra, 6 de janeiro de 1893. — (a) *Joaquim dos Santos e Silva*—(a) *Charles Lepierre.* (Segue-se o reconhecimento).

A' ILLUSTRE CLASSE MEDICA

Roga-se aos ex.mos srs. facultativos do paiz, ilhas adjacentes e ultramar que não tenham recebido o *kalendario agenda* da

COMPANHIA PORTUGUEZA «HYGIENE»

o favor de enviarem os seus endereços ao escriptorio da mesma companhia.

59, Praça de D. Pedro, 1.º—LISBOA

FABRICA DE PRODUCTOS CHIMICOS

E

PHARMACEUTICOS

RUA 24 DE JULHO, 382,—LISBOA

A. DA CUNHA & BASTOS

N'ESTA fabrica preparam-se já os seguintes artigos que vimos recommendar ao publico:

ALGODAO hydrophilo, borico, hemostatico, dito ao (frasco de 100 grammas), iodo formado, phenico, salicilado, com sublimado, com thymol.—BRILLANTINE.—CARVAO vegetal lavado, pó, dito frasco de cap. de 250 grammas, dito vegetal granulado, dito frasco de 250 grammas.—CONFEITOS de aloes, brometo de camphora, chloreto de ferro, copahiba, cupahiba e cubebas, ergotino 0,1—lactato de ferro, sulphato de quinino 0,2—EMULSAO de oleo de figados de bacalhau com hyposphosphitos.—Grangêa de semen-contra.—Grãos de Saude, f. de Frank.—GRANULOS antimonio ferruginosos, arseniato de antimonio, arseniato de ferro, arseniato de soda, arseniato de strychinina, granulos strophantus.—YRRIGADOR d'Esmarck.—PILULAS Blaud, Blancard, Wallet, ditas de Wallet prateadas.—PASTILHAS comprimidas em frascos como as inglezas com tampa de metal, em caixas de 12 frascos; de antipyrina 0,25, de bi-carbonato de soda, de bi-carbonato e cocaina, de bi-carbonato e saccharina, de chlorato de potassa, de chlorato de potassa e borax, de carvão e iodol, de carvão e salol, de carvão e naphtal, de cascara sagrada: de coca, de coca e kola, de Guarand, de jalapa composta, de menthol, de sublimado corrosivo, de carvão (f. Belloc (caixa), de chocolate com santonina, de chocolate com santonina e calomelanos. RHUBARBO granulado (f. Mentel). RHUM E QUINA em frascos do formato Roger e gallet, dito em caixa de 12 frascos. SINAPISMOS caixa de 10 e de 100. (Pode imprimir-se o nome do comprador sem augmento de preço conforme a quantidade).—SEDLITZ granulado kilo, dito em frascos de 250 grammas, formato Chanteaud. VELOUTINE branca ou rosa, caixas modelo Coudray.

Estes preparados recommendam-se pelos bons resultados obtidos, barateza e descontos.

Os annunciantes não tendo a menor duvida da qualidade d'elles, remettem amostras a quem as requisitar para a RUA 24 DE JULHO, 382, LISBOA.

BIBLIA SAGRADA—ILLUSTRADA

900 a 1:000 GRAVURAS

PROSPECTO E ESPECIMEN GRATIS

Assigatura 20 réis por fasciculo ou caderneta 180 réis (10 fasciculos)

ESTÁ CONCLUIDO O PRIMEIRO VOLUME

PARA INFORMAÇOES

BIBLIA SAGRADA—ILLUSTRADA

MOUSINHO DA SILVEIRA, 191, 1.º—PORTO

E NAS LIVRARIAS

EXTRACTO COMPOSTO DE SALSAPARRILHA DE AYER—Para purificar o sangue, limpar o corpo, e cura radical das escrophulas.

PEITORAL DE CEREJA DE AYER—O remedio mais seguro que ha para cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculos pulmonares.

O REMEDIO DE AYER CONTRA SEZÕES—Febres intermitentes e biliosas

VIGOR DO CABELLO DE AYER—Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

PILULAS CATHARTICAS DE AYER.—O melhor purgativo suave e inteiramente vegetal.

———

PERFEITO DESINFECTANTE E PURIFICANTE DE JEYÉS, para desinfectar casas e latrinas, tambem é excellente para tirar gordura ou nodoas de roupa, limpar metaes e curar feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias. —Preço 240 réis.

———

ACIDO PHOSPHATO DE HORSFORD

Faz uma bebida deliciosa addicionando-lhe apenas agua e assucar; é um excellente substituto de limão e baratissimo, porque um frasco dura muito tempo. Tambem é muito util no tratamento de Indigestão, Nervoso, Dyspepsia e dôr de cabeça. Preço por frasco 700 réis, e por duzia tem abatimento.—Os representantes srs. JAMES CASSELS & C.ª, rua do Mousinho da Silveira,—Porto, dão as formulas aos srs. Facultativos que as requisitarem.

CONTRA O MILDIU E O OIDIUM

ENXOFRE ESTACIO

Instrucções e attestados gratis—C.ª portugueza HYGIENE—Praça de D. Pedro, 50, Lisboa

CAMBISTA TESTA

78, RUA DO ARSENAL, 78

ESTA casa é a que offerece as melhores vantagens em todas as operações de cambio e loterias. Esta casa é a unica que vende os bilhetes da loteria portugueza a 3$000, meios bilhetes a 2$500 e decimos a 500 réis. Basta addicionar ao pedido o porte do correio e dirigir ao cambista José R. Testa.—LISBOA.

FILTRO CHAMBERLAND

SYSTEMA PASTEUR

O unico filtro industrial capaz de se oppôr efficazmente á transmissão das doenças pelas aguas destinadas á alimentação. Unico filtro adoptado mediante concurso para o serviço do exercito francez.

———(*)———

ACADEMIA DAS SCIENCIAS

PREMIO MONTLOION

SEIS MEDALHAS DE HONRA

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS DE 1890

UNICA MEDALHA DE OURO

Concedida pela classe de hygiene, conforme consta do catalogo official das recompensas—Classe 64, pagina 4:794

Deposito especial para Portugal, Rua Nova do Almada, 79—Lisboa.

NOTA—Remettem-se catalogos illustrados com os diversos typos de filtros e preços dos mesmos a quem os requisitar.

DIRECTOR TECHNICO—**E. ESTACIO**

COMPANHIA PORTUGUEZA HYGIENE

FABRICA A VAPOR DE PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS

CAMPO PEQUENO

ESCRIPTORIO PRAÇA DE D. PEDRO, 59, 1.º
PHARMACIA » » » » 60 a 63

Deposito—RUA DO PRINCIPE, 92 A 100

LISBOA

Esta companhia é a **unica** no paiz que fabrica em grande escala es por processos, machinas e apparelhos os mais modernos e aperfeiçoados, grande numero de *preparações e especialidades chimico-pharmaceuticas* em perfeição de acabamento egual ou superior ás simulares d'origem estrangeira, sendo porém as de seu fabrico *garantidas* pela companhia, nos seus componente, tanto em quantidades, como em qualidades e por preços *excessivamente menores.*

Além d'isso a companhia negoceia em todos os artigos que interessam ás classes de *medicina, cirurgia, pharmacia, e chimica,* taes como objectos de cautchouc, apparelhos de laboratorio, etc., sendo pela sua dupla qualidade de fabricante e commerciante em grande escala, a casa *fornecedora mais conveniente e completa de pharmacias, hospitaes, laboratorios chimicos, etc., etc.*

Fornecem-se catalogos e informações a quem as requisite

PAPIER WLINSI Remedio soberano para a cura rapida de *affecções do peito, catarrhos, males da garganta, bronchites, resfriamento, defluxo, rheumatismo, dôres, etc.;* 20 annos de maior successo attestam a efficacia d'este excellente derivativo, recommendado pelos primeiros medicos de Paris.

Deposito em todas as pharmacias.—Em Pariz, rua de Seine, 31.

Auctorisado pelo Tribunal do Contencioso technico na sessão de 27 de junho de 1893.

INSTRUMENTOS DE ELETRICIDADE

COLLOCAM-SE campainhas electricas, botões de chamadas, quadro indicador de chamadas, portavozes, etc.

Observam se e concertam-se, todos os instrumentos eletricos de qualquer systema, tanto em Aveiro como fóra d'esta cidade.

Dirigir carta a Antonio Maria Duarte, estação telegrapho-postal—AVEIRO.

CREADA DE DENTRO

Precisa-se de uma creada para todo o serviço de dentro, incluindo o tratamento de creanças. Prefere-se a que tiver melhores abonações.

N'esta redacção se diz.

ARREMATAÇÃO

A Camara Municipal do concelho de Anadia, faz publico que, no dia 10 de dezembro, proximo futuro, na villa de Anadia e paços do concelho se hade proceder, pelas 10 horas da manhã, á arrematação de fornecimento de carnes verdes de boi, vacca ou vitella, para consumo dos habitantes do concelho, durante o proximo futuro anno de 1894. O fornecimento será adjudicado, se assim convier.

As condicções da arremação acham-se patentes na Secretaria da Camara, em todos os dias não sanctificados, das 8 horas da manhã ás 2 da tarde.

Anadia, 20 de Novembro de 1893.

O Presidente da Camara,
Barão do Cruzeiro.

TABOADA INTUITIVA

NOVO METHODO

RACIONAL E PRATICO

DE APRENDER A TABOADA

DE

Sommar, diminuir, multiplicar e dividir

POR

MARIO SUL

Preço (com instrucções)..... 50 réis.
Sem instrucções..... 30 réis.

A' venda em todas as livrarias e no deposito principal—*Typographia da «Beira Baixa»,* editora—FUNDÃO.

DIRECTOR E RESPONSAVEL—*M. F.*

Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração Rua da Vera-Cruz, Aveiro.

nos achavamos no principio do mez de outubro de 1846, expuz igualmente quaes eram os motivos fundados e legaes que o governo teve para a suspensão das garantias: não só o estado de revolução continuava, como aqui mesmo se affirma, não só em algumas partes do reino se tinha acclamado o Principe proscripto, mas ainda guerrilhas miguelistas infestavam parte do paiz. Hontem apresentei e li á camara os extractos da correspondencia official que havia áquelle respeito, mas ainda ha provas mais evidentes, se alguem duvidasse das participações officiaes, que são a correspondencia interceptada a Mac-donell, a qual se acha hoje na camara dos srs. deputados, n'ella se acharam cartas de muitas notabilidades em que se prova que de Faro até Valença e de Almeida até Lisboa a conflagração era geral. Estes motivos, especialmente o ultimo, são a refutação da accusação que se me dirigiu pela suspensão das garantias no dia 7 de outubro. Hoje continuarei respondendo como me cumpre ás arguições que me foram dirigidas, e seguirei a sua ordem chronologica, deixando para o fim o que diz respeito á chamada revolta dos marechaes.

Tem-se posto em duvida a legalidade da creação dos batalhões, e a sua duração. Poucas palavras bastarão para nos justificarmos. O artigo 113.º da Carta Constitucional é bem explicado. (*O sr. visconde de Fonte Arcada*—V. ex.ª permitte que o interrompa...) Se o D. Par o exige, não terei duvida. Mas julgo que a discussão nada ganha com similhantes interrupções que me parece mais conveniente ficarem reservadas para depois. Mas pelo que me diz respeito é-me absolutamente indifferente, porque como só digo aquillo que sinto, como só exponho as verdades de que estou penetrado, não serão por certo todas as interrupções que se possam imaginar, que me causem o menor embaraço *(apoiados).* (*O sr. visconde de Fonte Arcada*—Fallarei depois.) *Todos os portuguezes são obrigados a pegar em armas para sustentar a independencia, e integridade do reino, e defendel-o de seus inimigos externos, e internos.* O governo intendeu que tinha chegado o momento em que era necessario que alguns portuguezes pegassem em armas para defender o throno e a constituição con-

de 1846 —Ill.mo ex.mo sr. marechal Saldanha. — *José Bento Valdez,* chefe d'Estado Maior da 2.ª Columna de operações.»

E proseguiu—A situação em que se achavam as forças que occupavam o castello era desesperada. Quem tem alguma pratica de guerra sabe qual é a sêde ardente que devora o soldado depois de um combate em que tem mordido muitos cartuxos. No castello não havia uma gôta d'agua. Os homens estavam amontoados; a artilheria que os ia aniquillar, estava em bateria, a sahida era impossivel. Foi n'estas circumstancias que lhes concedi as condições que me pediram. Mas dir-se-ha: muitas vezes se faz da necessidade virtude, e tu concedestes lhes aquellas condições porque desejavas apressar o momento de se renderem, receoso de ser atacado por outras forças inimigas. Não, sr. presidente, não tinha tal receio. Além de outros motivos tinha na noite antecedente interceptado a communicação que vou lêr:

«O general ficou em Tagarro, e espera noticias para seguir o seu movimento, e sua tenção é, se o Saldanha retirar sobre o Sobral effectuar a junção, e se elle retrocede sobre nós retirar sobre Rio Maior, e alli tomar posição esperando a segunda columna seguirá do porto o Saldanha. Desejo tambem noticias circumstanciadas da segunda columna, e a miudo por este mesmo portador, e por quantos possam mandar. O general deseja com empenho effectuar a junção com a segunda columna. Desculpe da fórma de communicação, porque não ha outro meio aqui. Cadaval, 22 de dezembro.

Meu thio. Nós aqui estamos bons, e peço que se puderem mandar dizer para nossa casa, que nós aqui estamos bons. A nossa força acha-se hoje em Tagarro, Alcoentre e Cercal, e nós viemos aqui colher noticias. Adeus até á vista. — Seu sobrinho, *Fernando.*»

E proseguiu—A minha resolução foi unicamente motivada por não querer humilhar um inimigo vencido; porque quiz honrar a bravura com que haviam combatido.

Seguiu-se a hida dos prisioneiros para Angola. Sr. presidente, o D. Par o sr. Sousa e Azevedo já pediu a palavra e naturalmente entrará nas explicações relativas ás conferen-

força dentro do prazo d'uma hora, concedendo-se-nos as honras que é de costume na guerra, e que eu não posso deixar de esperar de s. ex.ª o marechal Saldanha, a cujo lado combatemos tantas vezes gloriosamente.

A' vista do exposto contamos que nos será concedida capitulação, conservando os officiaes de linha, e bem assim os dos batalhões Nacionaes, e empregados civis as suas espadas, cavallos e bagagens, e ás praças de pret as suas mochilas.

Deus guarde a v. ex.ª castello da villa de Torres Vedras, 23 de dezembro de 1846, ao meio dia.—Ill.mo e ex.mo sr. Barão de Saavedra.—*Conde do Bomfim.*

Factos não se podem negar. E' um facto que as tropas portuguezas dos dois lados se bateram hontem heroicamente, é um facto que a tropa reunida no castello d'esta villa merece as honras militares, mas é tambem um facto que eu não posso ir contra as determinações de Sua Magestade a Rainha. Necessito portanto uma resposta cathegorica e clara, em que se me diga se se entende pela conservação das espadas a conservação das patentes, e n'este casa não posso annuir; mas se só se pede a conservação das espadas como honra militar, e sem relação á conservação das patentes, não tenho a menor duvida em as conceder a quem tanto as mereceu, assim como as bagagens e mochillas.—*Duque de Saldanha.*

Ill.mo e ex.mo sr.—Tenho a honra de responder ao officio que v. ex.ª me dirigiu sobre a proposta de capitulação das forças reunidas no castello de Torres Vedras, e cumpre-me communicar a v. ex.ª que estou authorisado pelo general conde do Bomfim, na qualidade do seu chefe do estado Maior, a declarar que pela conservação das espadas aos officiaes da Columna de seu commando só se entende a conservação das honras da guerra, pois que pelo que respeita a quaesquer disposições que Sua Magestade tem tomado a respeito dos referidos officiaes, estão promptos a obedecer em tudo ás suas determinações, pois que nunca deixaram de respeitar nos seus actos publicos a pessoa da mesma Augusta Senhora.

Deus guarde a v. ex.ª Torres Vedras 23 de dezembro

tra os inimigos internos. Assim o decretou, e como ao governo pertence de necessidade o regular o modo como aquelles portuguezes deviam pegar em armas, ordenou a formação dos batalhões. Não podemos por tanto pôr em duvida a legalidade da creação d'aquelles corpos que pela sua decisão e constancia, coragem e disciplina tão assignalados serviços prestaram á causa da Rainha e da liberdade *(apoiados repetidos).* Quanto á sua conservação o §. 10.º do artigo 15.º diz que é das attribuições das côrtes—Fixar annualmente, sobre a informação do governo, as forças de mar, e terra ordinarias e extraordinarias. A camara sabe que a administração actual começou no dia 18 de dezembro, as côrtes reuniram-se no dia 2 de janeiro, e o primeiro cuidado d'essa administração foi submetter ás côrtes um projecto relativo á conservação desses batalhões, o qual já hontem se discutiu, e creio continúa hoje a discutir-se na camara dos srs. deputados: portanto, parece-me que quanto á conservação dos batalhões o governo fez quanto devia submettendo ás côrtes um projecto de lei áquelle respeito.

Depois do que se tinha passado, sr. presidente, confesso que me surprehendeu que fosse d'aquelle lado da camara que se fallasse no decreto dos fuzilamentos: quem ha ahi que não saiba o que se passou áquelle respeito?! O decreto dos fuzilamentos era uma medida preventiva, não teve por fim fuzilar os homens que se achavam com as armas na mão, mas evitar que outros fossem engrossar as fileiras da rebellião. No dia em que nos aproximamos a Santarem, com uma porção de gado, apanhámos tambem um paisano armado. Este homem disse-me que pertencia á gente armada, de que era commandante o sr. conde da Taipa. Segundo o decreto de que trato devia ser fuzilado: o que lhe aconteceu? Meia hora depois hia caminho de sua casa com alguns vintens na algibeira. (*E' verdade, e apoiados do sr. visconde de Fonte Arcada*). A mesma sorte tiveram todos os outros, assim como os guerrilhas aprisionados em Torres Vedras desde o principio do combate. Todos, menos os officiaes tiveram guias, dinheiro distribuido pelos officiaes do meu Estado Maior, pessoal para